



Vera Sofia
da Graça
Cordeiro

Nº200139007

**A Importância da Expressão Plástica para
o Desenvolvimento das Crianças na Creche
e Jardim de Infância**

Relatório do Projeto de Investigação do Mestrado
em Educação Pré-Escolar

ORIENTADOR

Professor Pedro Miguel Rebelo Felício

Julho de 2023

Vera Sofia
da Graça
Cordeiro

Nº200139007

**A Importância da Expressão Plástica para
o Desenvolvimento das Crianças na Creche
e Jardim de Infância**

Júri

Presidente: Professora Doutora Sofia Gago da Silva
Corrêa Figueira

Orientador: Professor Pedro Miguel Rebelo Felício

Vogal: Joana Isabel Gaudêncio Matos

Julho de 2023

Agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de diversas pessoas e instituições. Gostaria, em primeiro lugar, de expressar a minha sincera gratidão ao meu orientador Pedro Miguel Rebelo Felício, pela sua orientação, paciência e apoio constante durante todo o processo de pesquisa. Os seus conselhos e sugestões foram inestimáveis para o sucesso deste trabalho.

Sou grata também a todos os professores pela sua orientação, suporte e oportunidades de aprendizagem.

Às Educadoras cooperantes pela disponibilidade, ajuda no decorrer dos estágios e por partilharem comigo os seus saberes, conhecimentos e sugestões. À equipa pedagógica de cada instituição, por se mostrarem disponíveis ao longo de ambos os estágios. É através deste tipo de experiências e vivências que nos ajudam a crescer e a descobrir a nossa identidade enquanto futuras profissionais na área da Educação.

Às crianças, onde estagiei, pois sem elas, nada relativo a este estudo seria possível.

À minha amiga Catarina, por ter acreditado e por me ter incentivado nesta longa jornada. Apoiou-me sempre que necessitei de um ombro amigo, por isso mesmo tem um lugar especial neste meu percurso. Partilhámos muitas experiências juntas até então, e sem ti, isto não era possível.

Ao meu namorado que acreditou em mim, apoiou-me em todos os momentos e encorajou-me sempre que precisei, dando-me forças para seguir em frente e ultrapassar mais um obstáculo da minha vida.

À minha família que foram uma grande fonte de encorajamento e apoio durante todo o período de estudos. Agradeço especialmente aos meus pais pela sua constante motivação e amor incondicional.

Finalmente, agradeço às minhas colegas e amigas, por partilharem as suas ideias e conhecimentos e por me proporcionarem um ambiente de trabalho agradável e produtivo.

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste objetivo. Muito obrigado a todos.

Resumo

Ao olhar em nosso redor é possível verificar que o mundo está envolvido em arte, e como tal, a arte faz parte tanto do nosso quotidiano como do das crianças. As atividades desenvolvidas em sala de creche e pré-escolar submetem a criança para a sua criatividade e imaginação, assim, podemos afirmar que ao elaborarem uma atividade, as crianças estão a envolver a arte na sua realização.

O presente relatório de projeto de investigação teve como principal objetivo abordar a questão de investigação “Como promover o desenvolvimento da expressão plástica da criança em creche e jardim de infância?”.

É também de salientar que o presente estudo se concretizou nas duas valências de Educação de Infância, creche e jardim de infância, em dois momentos distintos.

Para assegurar o desenvolvimento e a conclusão deste relatório foi utilizada uma abordagem metodológica em específico, a metodologia de investigação-ação. Isto é durante o estudo, foram usados diversos procedimentos de recolha e tratamento da informação, bem como a observação participante, notas de campo, registos fotográficos, e atividades práticas com as crianças. A expressão plástica é uma atividade fundamental para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil, uma vez que permite a expressão de ideias e sentimentos, o desenvolvimento da criatividade e da coordenação motora, além de favorecer a socialização e a autoestima das crianças.

Esta metodologia supõe que todo o seu método, desenvolvimento e progresso, seja centrado tanto na ação como na investigação. É uma metodologia que apoia na melhoria da prática onde a ação está a ser desenvolvida.

Ao utilizar a metodologia de investigação-ação, foi imprescindível, não só efetuar a observação no contexto, como também intervir de forma a poder alcançar os objetivos implícitos a este relatório.

Palavras-chave:

Expressão Plástica; Desenho; Jardim de Infância; Creche; Criatividade

Abstract

Looking around us, it is possible to verify that the world is involved in art, and as such, art is as much a part of our daily lives as it is of children. The activities carried out in the nursery and pre-school classroom submit the child to their creativity and imagination, thus, we can say that when developing an activity, children are involving art in its realization.

The main objective of this research project report was to address the research question “How to promote the development of children's plastic expression in day care centers and kindergartens?”.

It should also be noted that the present study was carried out in the two areas of Childhood Education, nursery school and kindergarten, at two different times.

To ensure the development and conclusion of this report, a specific methodological approach was used, the action-research methodology. That is, during the study, various procedures for collecting and processing information were used, as well as participant observation, field notes, photographic records, and practical activities with the children. Plastic expression is a fundamental activity for the integral development of the child in kindergarten, since it allows the expression of ideas and feelings, the development of creativity and motor coordination, in addition to favoring the socialization and self-esteem of children.

This methodology assumes that its entire method, development and progress is centered both on action and research. It is a methodology that supports the improvement of the practice where the action is being developed.

When using the action-research methodology, it was essential not only to carry out the observation in context, but also to intervene in order to achieve the objectives implicit in this report.

Keywords:

Plastic expression; Design; Kindergarten; Nursery; Creativity

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Quadro de Acrónimos.....	9
Introdução.....	10
Quadro Teórico de Referência.....	12
A Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e na Creche.....	13
A Importância do Desenho para o Desenvolvimento da Criança.....	18
i. Uma Visão sobre o Desenho	18
ii. O Desenho como fator de Desenvolvimento	22
iii. As fases do Desenho	23
iv. Estimular a Capacidade de Desenhar.....	28
O Papel do Educador de Infância	32
Metodologia do Estudo.....	37
Identificação e Justificação sobre o Método Utilizado.....	38
Identificação dos Procedimentos de Recolha e Tratamento de Dados	42
a) Observação Participante	42
b) Notas de Campo.....	45
c) Registo Fotográfico	47
Apresentação e Interpretação das Intervenções.....	50
Caracterização da Instituição – Creche	51
Grupo de Crianças da Creche	52
Organização e Utilização dos Espaços e dos Materiais.....	53
Organização Temporal da Vida na Sala e na Instituição (Rotina e Rotinas)	56
1. Acolhimento	56
2. Momento da Manhã.....	56

3. Atividades Orientadas.....	56
4. Atividades Espontâneas ou Brincadeira Livre.....	57
5. Higiene.....	57
6. Refeição.....	57
7. Repouso	57
8. Exterior.....	58
9. Saída	58
Trabalho em Equipa.....	59
Caracterização da Instituição – Pré-Escolar	61
Grupo da Sala Verde.....	62
Espaços e Materiais da Sala Verde.....	63
Rotina Diária da Sala Verde	68
Trabalho em Equipa.....	70
Intervenções.....	72
I. Intervenção em Creche	72
II. Intervenção em Pré-Escolar	74
Considerações Finais	79
Referências	85
Bibliográficas.....	85
Anexos	90
Anexo 1 – Planificação em Creche.....	91
Anexo 2 – Capa do Livro <i>De que cor é um beijinho?</i> de Rocio Bonilla	95
Anexo 3 – Materiais utilizados na elaboração da atividade.....	95
Anexo 4 – Concretização da atividade.....	96
Anexo 5 – Planificação em Pré-Escolar.....	97
Anexo 6 – Área da Expressão Plástica da Sala Verde	104
Anexo 7 – Cartazes do projeto.....	104

Anexo 8 – Capa do Livro <i>O Ponto</i> de Peter H. Reynolds	105
Anexo 9 – Elaboração de um desenho a partir de um pequeno ponto.....	106
Anexo 10 – Três quadros concluídos.....	107

Quadro de Acrónimos

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CDC – Convenção sobre os Direitos da Criança

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

MEM - Movimento de Escola Moderna

NEE – Necessidades Educativas Especiais

Introdução

O atual relatório desenvolveu-se no âmbito da Unidade Curricular Estágio em Educação de Infância I, II e III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Este ocorreu a partir de três momentos distintos: o primeiro momento em contexto de creche, o segundo momento em contexto de jardim de infância e o terceiro momento de volta aos contextos. No entanto, ao concretizar o terceiro momento da unidade curricular Estágio em Educação de Infância III, só me foi possível regressar ao contexto de creche, com uma duração de dez semanas, uma vez que, a educadora do contexto de jardim de infância não foi colocada na mesma instituição.

O presente relatório de projeto de investigação está estruturado pelos seguintes capítulos: **quadro teórico de referência**, que contem uma pequena apresentação dos conceitos e a respetiva fundamentação teórica articulados à área de intervenção; **metodologia do estudo**, onde se encontra justificado o tipo de estudo, bem como os métodos e os instrumentos escolhidos para a implementação e realização do trabalho; **apresentação e interpretação das intervenções**, onde é feita uma descrição sobre os momentos de estágio realizados; **intervenções**, é onde se descreve as atividades desenvolvidas, alguns dados recolhidos como também uma análise decorrente dos mesmos; **considerações finais**, onde se apresenta uma reflexão sobre o que foi mais significativo no decorrer do percurso de intervenção, enumeração das dificuldades sentidas ao longo da prática, bem como, com a concretização do presente relatório; **referências bibliográficas**; é onde se encontra as fontes bibliográficas consultadas com a informação necessária para a execução do atual relatório e, por último, os **anexos**.

A expressão plástica é uma das formas mais antigas de manifestação artística e tem sido utilizada desde os tempos mais remotos da história humana. No entanto, mesmo na sua trajetória, a expressão plástica ainda é uma área pouco explorada na educação e na formação do indivíduo. Diante disso, o presente relatório tem como objetivo investigar a importância do desenvolvimento da expressão plástica como instrumento de desenvolvimento humano, enfatizando a sua relevância na formação de crianças e jovens.

Ao longo dos anos, a expressão plástica tem sido utilizada como um meio de expressão e comunicação, bem como uma forma de representar e interpretar o mundo ao

nosso redor. No contexto da educação, a expressão plástica pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para ajudar no desenvolvimento de habilidades como a criatividade, a capacidade de observação e análise, a habilidade manual e a capacidade de expressão. Além disso, a expressão plástica também pode ser usada para promover a autoestima, a autoconfiança e o desenvolvimento social e emocional das crianças.

Com base neste contexto, o presente relatório pretende inquirir como a expressão plástica pode ser utilizada de maneira afetiva no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, especialmente no contexto da educação.

A arte esteve sempre muito presente no meu cotidiano, desde cedo, tanto em torno familiar como no meu percurso escolar, daí ter sido fácil identificar o tema que iria eleger para a minha questão de investigação-ação. Quando iniciei os meus períodos de estágio, apercebi-me que poderia aproveitar este tema para ambos, uma vez que, pude constatar que a área da expressão plástica que se encontrava nas salas, não estavam a ser muito bem aproveitadas pelos grupos de crianças. Durante os momentos de observação apurei que a área em questão só era usada nos instantes em que a Educadora solicitava para que fizessem alguma atividade ou, de forma autónoma, para manusear plasticina e fazer desenhos.

Assim, a problemática a tratar neste relatório, é também relativa à transformação do espaço da área da expressão plástica, à identificação dos materiais da mesma, ao manuseamento de diferentes materiais e ao incentivo perante os grupos de crianças de realizar outras tarefas e atividades nesta área.

Visto que já existia a área da expressão plástica nas salas de creche e de pré-escolar, tentei renovar as mesmas, tornando-as mais estimulantes e acessíveis para todas as crianças com diferentes idades. Como exemplo, com as crianças do pré-escolar, identificamos quais os materiais que podiam ser adicionados à área para que houvesse uma maior multiplicidade de materiais, estimulando a curiosidade das crianças para os mesmos.

O projeto concretizado constou com um desenrolar de atividades, convenientemente contextualizadas e com as respetivas intencionalidades pedagógicas, no sentido de proceder à implementação de uma metodologia de trabalho dissemelhante da desenvolvida até então.

Quadro Teórico de Referência

A Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e na Creche

Tal como afirma Read (2010) “A arte deve constituir a base da educação”, a arte é indiscutivelmente uma das essenciais constituintes de uma educação que se pretende completa. Esta deveria ser um direito elementar para cada criança, pois acarreta um crescimento a nível físico, criativo e de pensamento.

A expressão plástica, ou seja, a arte visual, tem um papel muito importante na educação pré-escolar e na creche. É através das atividades artísticas que as crianças desenvolvem habilidades motoras finas, como a coordenação, e aprimoram a sua capacidade criativa e a sua imaginação.

São diversos os autores que atentam a arte como um dos meios benéficos à formação e desenvolvimento pessoal, cultural e social das crianças, Fróis, Marques & Gonçalves (2000), Sousa (2003) e Godinho e Brito (2010).

Similarmente nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) vem evidenciada a relevância do contexto educativo para um bom desenvolvimento da expressão artística “A educação estética, partindo do contexto educativo da educação pré-escolar, estará presente no contacto com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade. Os contactos com o meio envolvente, com a natureza e com a cultura, permitirão às crianças apreciar a beleza em diferentes contextos e situações.” “É fundamental integrar as crianças em ambientes onde possam contactar regularmente com a arte, com os seus processos e com os seus criadores.” (2016, p. 55).

Dois exemplos relevantes para a construção de uma identidade artística são a Convenção sobre os direitos das crianças, que alude o interesse de desenvolver a sua personalidade criadora afirmando que a criança é mencionada a “participar plenamente (...) nas atividades recreativas, artísticas e culturais em condições de igualdade” (art. °31°), também na Declaração Universal dos Direitos do Homem vem dar ênfase a “...uma vida cultural de comunidade, de fruir as artes (...)” (art. °27°).

Bila (2014, p.14) consigna que:

Enquanto campo de conhecimento, a arte tem um repertório cultural e socialmente construído, marcado por especificidades estéticas e artísticas que nem sempre fazem

a arte do quotidiano das crianças e às quais eles poderão ter acesso através da mediação do educador e da instituição educativa.

É através da curiosidade natural que as crianças indicam que se deve inserir no seu quotidiano a expressão plástica, pois, por vezes, é com a sua passagem pela Creche e pelo Pré-Escolar que a criança consegue possuir de um maior contacto com a expressão plástica, daí o incentivo para explorar diversas técnicas, despertando a criatividade de cada criança, com o intuito de obter novos conhecimentos, gostos e interesses.

No pré-escolar e na creche, as atividades de expressão plástica devem ser adaptadas às diferentes fases de desenvolvimento da criança.

Além disso, a expressão plástica ajuda as crianças a desenvolverem a sua autoestima e autoexpressão. Ao criarem as suas próprias obras de arte, elas aprendem a valorizar o seu trabalho e a expressar os seus sentimentos e ideias de forma não verbal.

Tanto para Fróis, como para Marques e Gonçalves (2000:201)” ... uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do individuo, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas... As artes podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar, com implicações futuras na vida adulta.”

Os educadores devem incentivar e valorizar o trabalho artístico das crianças, reconhecendo as suas diferentes habilidades e estilos. Através da expressão plástica, as crianças aprendem a ser criativas, a solucionar problemas de forma independente e a desenvolver a sua imaginação e autoestima, o que é fundamental para o seu desenvolvimento integral.

Cada criança é única e explora cada atividade, objeto ou sensação à sua maneira. Como nos indica Sousa (2003) “A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas.” (p. 160). Quando se pensa em explorar a expressão plástica pensa-se na expressão da criança ao tentar explorar uma demarcada técnica e não no resultado final. Todos os trabalhos, projetos e atividades efetuados no dia a dia pela criança, dão a oportunidade de a mesma relatar o mundo como esta o vê. Nesse sentido “O adulto deve deixar que a criança se exprima de acordo com os seus desejos e

tendências. O adulto deve deixar que a criança se esclareça e se revele através do que faz.” (Gonçalves, 1976, p. 11).

Poderá ser a partir de certas atividades de expressão plástica que a criança se expressará espontaneamente, conseguindo transparecer os seus sentimentos naquilo que está a realizar, tal como nos indica Sousa (2003):

“O seu principal objetivo é a expressão das expressões e sentimentos através da criação de materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança.” (p. 160).

Por vezes, poderão ser impostas algumas limitações à criança, nomeadamente quando é dado uma folha com algo impresso para a mesma pintar, e impor que a mesma pinte sem que a tinta saia das linhas pretas. É importante e fundamental, até para o crescimento de cada criança, deixar que a mesma tenha a sua própria liberdade para elaborar aquilo que quiser, para que esta não fique com o seu pensamento restringido e também para que não perca a sua autonomia. Nesse sentido, Sousa (2003) refere que “O adulto aborda muitas vezes a ação autoeducativa da criança com o seu pensamento de adulto, não tomando em consideração as verdadeiras motivações, sentimentos e pensamentos da criança.” (p. 172).

Ao se esquecerem dos reais intuitos das crianças, os adultos passam para as mesmas a crença de um desenho realizado para impressionar o próprio adulto. Muitas vezes apresentam às crianças que o característico desenho “bonito” é que está correto, daí muitos adultos comentarem que não têm destreza para a expressão plástica, pois foi isso que escutaram em criança quando confrontados com o que faziam.

Por vezes, a criança risca, esculpe ou faz uma garatuja do seu agrado de uma forma livre e sem ter um propósito “impecável aos olhos do adulto” no que faz, mas sim na satisfação que isso lhe concede. Sem que tenha um produto final como costumam dizer “bonito”.

Desta forma as crianças que não alcançam as apetências de primor destes “adultos” começam “a sentir uma aversão ao desenho e à pintura e, sempre que lhe propõem uma destas ações responde invariavelmente que “não sabe desenhar”, ou que “não tem jeito” (Sousa, 2003, p. 173), consumando o seu interesse com a expressão plástica e podem começar um sentimento até de repugnância pelo tema. Posteriormente,

quando confrontados para a concretização de atividades ou explorações de expressão plástica elegem realizar diferentes atividades.

Não é esta repulsão que anseio transpor para as crianças, mas sim o oposto, que tenham desejo em se exprimir e manifestar através da expressão plástica, e que tenham interesse e curiosidade ao manipular e ao achar novos materiais, técnicas e atividades. Assim sendo questiono-me como consigo estimular esta área num grupo crianças.

Para concluir, a expressão plástica tem sido amplamente estudada e discutida por diversos autores em relação à sua importância na educação pré-escolar e na creche. Dentre eles, podemos citar:

- Vygotsky (1984): o autor destaca que a arte é uma das formas de expressão mais complexas e completas da atividade humana, pois envolve emoções, imaginação, pensamento e ação. Na educação infantil, a arte pode ser utilizada como uma forma de estimular a criatividade e a imaginação das crianças, além de desenvolver as suas habilidades motoras e cognitivas.
- Lowenfeld (1982): a autora defende que a arte é um processo natural de desenvolvimento infantil, que envolve a experimentação e a exploração do ambiente por meio de diferentes materiais e técnicas. Na creche e na educação pré-escolar, a arte pode ser utilizada como uma forma de estimular a criatividade, a autoexpressão e a autoestima das crianças.
- Malchiodi (1998): a autora destaca que a arte é uma forma de comunicação não verbal, que permite às crianças expressarem os seus sentimentos, emoções e pensamentos de forma única e pessoal. Na creche e na educação pré-escolar, a arte pode ser utilizada como uma forma de estimular a criatividade e a imaginação das crianças, além de desenvolver as suas habilidades motoras e cognitivas.
- Efland (2002): o autor destaca que a arte é uma forma de conhecimento que envolve a percepção, a reflexão e a ação. Na educação infantil, a arte pode ser utilizada como uma forma de estimular a criatividade e a imaginação das crianças, além de desenvolver as suas habilidades motoras e cognitivas.

Estes autores demonstram que a expressão plástica é uma ferramenta importante na educação pré-escolar e na creche, permitindo às crianças desenvolverem habilidades motoras finas, explorar a sua criatividade e imaginação, além de expressarem os seus sentimentos e ideias de forma não verbal. É fundamental que os educadores reconheçam

a importância da arte na educação infantil e utilizem essa ferramenta de forma adequada e criativa para o desenvolvimento integral das crianças.

A Importância do Desenho para o Desenvolvimento da Criança

i. Uma Visão sobre o Desenho

O desenho é uma atividade importante no desenvolvimento infantil, pois ajuda a criança a desenvolver habilidades motoras finas, cognitivas e emocionais. Desde uma idade muito precoce, as crianças começam a se expressar através do desenho, utilizando linhas e formas para representar suas ideias e pensamentos.

Os primeiros desenhos das crianças costumam ser rabiscos e traços aleatórios, mas à medida que crescem e desenvolvem habilidades motoras finas, começam a desenhar formas mais definidas e reconhecíveis. O desenho ajuda a criança a desenvolver certas habilidades, tais como: a percepção visual e a capacidade de observação.

Em concordância com Ana Salvador (1999) o desenho pode, em diferenciadas situações, tornar-se na indicação, no “espelho” do estado de espírito da criança, pois transpõe o que sente, pensa, deseja, o que a deixa agitada, alegre ou triste.

De acordo com o que a autora Ana Salvador afirma em cima, o desenho também pode ser uma forma de expressão emocional para a criança. As crianças podem usar o desenho para expressar sentimentos que são difíceis de colocar em palavras, como a tristeza, a raiva ou a felicidade. O desenho também pode ajudar a criança a desenvolver a sua imaginação e a sua criatividade.

Sobre esta temática similarmente Pereira (s/d) atenta que o desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas a partir dos quais a função de atribuição da significação se manifesta e se produz. O autor, com base na teoria de Piaget, conclui que a expressão gráfica se desenvolve concomitantemente a outras manifestações, entre as quais o brincar e a linguagem verbal, e que o seu progresso se aciona por períodos que qualificam o modo da criança se pôr no mundo: a semelhança ao objeto exibido está diretamente relacionada com a apropriação, por parte da criança, do mundo ao seu redor.

Vygotsky (1988), por sua vez, salienta diversas condições no desenho. Uma delas é referente ao domínio do ato motor, uma vez que para o autor, o desenho é o registo da passagem do gesto à imagem; a outra, transmite a percepção da eventualidade de revelar graficamente algo, a qual configura o desenho como precursor da escrita.

O desenho é uma das atividades de expressão plástica mais frequente no período da infância, sendo estimado como “uma simples consequência do gesto. É o gesto que deixa o traço do seu trajeto sobre uma superfície capaz de o registrar” (Wallon, 1950, in Montero, 2005, p.41). Porém, a expressão plástica da criança é vista por alguns adultos como algo sem nexos, contudo para a criança é algo que lhe satisfaz e com sentido. Stern afirma que:

“Quando a criança pinta, o mundo encolhe-se até às dimensões de uma folha de papel, a folha transborda os seus limites e torna-se o mundo. Não é mais uma superfície branca, mas sim um écran onde se desenrola uma aventura. A criança exprime-se: o seu passado torna-se atualidade e as suas aspirações realizam-se; é um jogo muito sério da criação plástica” (Stern, 1974b, p.59).

Vygotsky, anota ainda a presença de um “certo grau de abstração” na postura da criança que desenha, uma vez que esta exhibe conteúdos da sua memória, e ressalta o papel da fala nesse processo considerando que a linguagem verbal é o suporte da linguagem gráfica do desenho por a criança conseguir denominar o que vai desenhar, e mais tarde, indicar o que representou.

Read (1977) patenteia que a evolução do pensamento resulta das imagens visuais, ou seja, a criança desenvolve o seu pensamento através das imagens que observa. Para o autor há no desenho uma união entre a imaginação e a percepção.

Salvador (1988, p. 25) considera que a educação deve estimular tanto a imaginação como a criação, visto que ambas são inatas, desenvolvendo ao mesmo tempo o sentido estético para promover os atos criativos da criança.

Parte-se do princípio que a criança começa a assimilar e a interiorizar os conhecimentos quando a mesma desenha o que conhece do mundo ao seu redor. O desenho possibilita a aprendizagem de diversos conteúdos e é também uma comprovação de aquisições da criança.

De acordo com Stern (1974b) a criança manifesta-se através do desenho, relembrando o seu passado e descrevendo os seus desejos na folha de papel. É como se fosse um jogo, pois a criança sente prazer ao rabiscar uma superfície. Ao fim ao cabo, tudo aquilo que a criança desenha ou rabisca estará relacionado com a própria. Desta forma, a expressão plástica é considerada como a segunda língua da criança, pois é a

mesma que a ajuda a se expressar, completando, tudo aquilo que não consegue exprimir verbalmente.

A perspectiva de Sousa (2003b) é muito idêntica à de Salvador. Este refere que o “desenho constitui para a criança uma forma de brincar, não se preocupando com a perfeição técnica da sua brincadeira. O seu brincar, porém, expressa todo o seu ser, incluindo o mais profundo do seu inconsciente” (p.198). Sousa (2003b) reforça a sua ideologia afirmando ainda que “Numa pintura há sempre algo de pessoal, de projeção da personalidade (...)” (p.225).

Já Derdyk (1989) diz que o desenho é o instrumento dos adultos, pois o mesmo ajuda-os a compreender o pensamento da criança, visto que é um produto daquilo que a criança vê, pensa e imagina.

Ao incentivar as crianças a desenhar, os adultos (pais e educadores de infância) estão a ajudar a desenvolver habilidades importantes que podem ser úteis em outras áreas da vida, como a resolução de problemas e a comunicação visual. Além disso, o desenho pode ser uma atividade divertida e prazerosa para as crianças, que pode ser apreciada ao longo de toda a vida.

Lowenfeld (1977) sublinha a sua perspectiva afirmando a importância do desenho para o desenvolvimento da criança, pois é a partir deste que a criança consegue desenvolver a sua capacidade de se expressar, representar o que vê ou sente e, por fim, mas não menos importante, desenvolver a sua criatividade.

Assim, podemos concluir que o desenho é a expressão do sentir da criança, de forma a compreender melhor o seu significado, observando e conhecendo em primeiro lugar a realidade da criança em questão, e só depois interpretar o que consta o desenho.

Tal como afirma Sousa (2003b) “o desenho é função, sobretudo, do desenvolvimento das capacidades neuro motoras (os movimentos da ação de desenhar), e cognitivas (criatividade, raciocínio lógico) da criança, estando também bem presentes as dimensões emocionais-sentimentais (expressão artística) e socioculturais (materiais utilizados e relação social)” (p.99), daí haver o ressaltado do ato de desenhar ser uma atividade integradora, pois o mesmo inclui as inter-relações do ver, do pensar, do fazer e os domínios: perceptivo, cognitivo, afetivo e motor.

Cobo (s.d.) afirma que “(n)os momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desenhos. As manifestações visíveis desta fuga são os sonhos, os contos, os jogos e os desenhos” (Cobo, s.d., in Salvador,1988:14).

De acordo com alguns autores, como Lowenfeld, Vygotsky e Stern, o desenho poderá ser um marco importante no diagnóstico e na terapia infantil, pois quando uma criança não se consegue exprimir ou comunicar diretamente a partir das palavras, é utilizado como recurso o desenho, meio de expressão e comunicação.

Assim depreende-se que uma vez que o desenho é a manifestação do sentir da criança, para que se consiga alcançar o seu significado deve de se analisar e entender primeiro a realidade da criança, e só posteriormente partir para o significado do seu desenho. Como refere Pereira (s/d, p.5) citando Ferreira (1998), *o desenho da criança é o lugar do provável, do indeterminado, das significações (...) daí emerge a importância de esse considerar o primeiro desses intérpretes, a própria criança.*

Desta forma, o desenho é uma atividade muito importante no que toca ao desenvolvimento da criança, pois corrobora no desenvolvimento de diversas habilidades e aspetos fundamentais para o seu crescimento saudável. Algumas das principais razões, algumas já referidas no texto acima descrito, pelas quais o desenho se torna tão importante para as crianças, são:

- Desenvolvimento motor fino – o desenho ajuda a criança a desenvolver habilidades motoras finas, como a coordenação olho mão e a precisão dos movimentos das mãos. Essas habilidades são fundamentais para a escrita, para o manuseio de objetos e para outras atividades quotidianas.
- Estimulação da criatividade e da imaginação – o desenho permite que as crianças explorem a sua imaginação e criem livremente. Isso estimula a criatividade e a capacidade de inovar, além de ajudar a desenvolver a autoexpressão e a autoconfiança.
- Estímulo à observação e à perceção visual – o desenho ajuda as crianças a perceberem o mundo ao seu redor de uma forma mais detalhada, aumentando a capacidade de observação e de perceção visual.
- Estímulo à comunicação e à expressão – o desenho é uma forma de comunicação não verbal que ajuda as crianças a expressar as suas ideias e

emoções de uma forma mais clara, especialmente em casos onde a comunicação verbal pode ser mais difícil.

- Desenvolvimento da paciência e da persistência – o desenho é uma atividade que requer tempo, prática e persistência. Ao encorajar a criança a desenhar e a aprimorar as suas habilidades, os pais e os educadores de infância ajudam a desenvolver a paciência e a perseverança da criança.
- Redução do stress e da ansiedade – o desenho pode ser uma atividade relaxante e prazerosa para a criança, ajudando a reduzir o stress e a ansiedade.

Em suma, o desenho é uma atividade que oferece diversos benefícios para o desenvolvimento infantil, sendo uma forma divertida e educativa de estimular as crianças a desenvolver as suas habilidades e potenciais.

ii. O Desenho como fator de Desenvolvimento

O artista e escritor americano James Elkins argumenta que “o desenho é uma forma de pensar visualmente e uma maneira de entender o mundo”. Ele destaca que o desenho não é apenas uma habilidade técnica, mas também uma forma de pensamento criativo que pode ser aplicada em muitas áreas diferentes (Elkins, 2000).

Para a escola, o desenho da criança é fitado como um instrumento de medida, ou como meio de desenvolvimento de aspetos relevantes da criança, dos quais são evidenciados a inteligência, a motricidade e o sentido estético.

Relativamente à inteligência, nos dias de hoje ainda se recorre ao desenho da criança como uma ferramenta para a avaliar. Ana Salvador, (1988) assevera que subsistem diferentes modelos de testes de desenho, e um dos mais notórios é o teste de desenho da figura humana de Goodenough, que tem como fim a calcular a inteligência da criança que o desenha, dando-nos logo o seu quociente de inteligência.

A autora atenta que os desenhos da criança durante o seu trajeto escolar são a declaração do seu desenvolvimento: quando estas ingressam no pré-escolar, por volta dos três anos, a criança apresenta-se na época das garatujas, e vai progredindo, obtendo a dominação do traço, das técnicas gráficas, do movimento e progride adquirindo a

sensibilidade à cor, à forma e ao espaço, aptidões que, futuramente, lhe consentirão obter realizações mais complexas como o volume e a terceira dimensão, ou seja, *de movimentos incontrolados passará a uma coordenação mais desenvolvida, o que resulta da evolução da sua motricidade*. (Salvador, 1988, p.19).

Regularmente pensa-se que a capacidade de imaginação e de criação são inatos, a criança “nasce com elas”, porém a educação pode e deve ativar essas aptidões, desenvolver o sentido estético para intensificar os atos criativos da criança.

Desta forma, devemos conceder liberdade às crianças e oferecer-lhes ambientes agradáveis para que elas consigam se expressar através do desenho da melhor maneira possível. Não “pedir” um desenho unicamente para o tempo passar, mas possuir objetivos para o mesmo.

Enquanto a criança brinca ela diverte-se, ingressa no seu mundo de fantasia, concebe e cria personagens e ambientes ou até transporta para as suas brincadeiras o que nota no seu dia-a-dia. O mesmo ocorre com o desenho sempre que, num ato voluntário, a criança também gera personagens e ambientes, esboçando-os no papel.

A comunicação tem sempre de se deparar com um interlocutor, pois de outro modo torna-se num monólogo, e a tarefa enquanto adultos é compreender e responder ao que a criança nos transmite com os seus desenhos.

iii. As fases do Desenho

Dissemelhantes autores analisaram díspares visões sobre a questão do desenho infantil, exemplo deles são Analice Dutra Pillar, Liliâne Lurcat, Luquet, Ana Angélica Albano Moreira, Jean Piaget, Victor Lowenfeld e Lev Vygotsky entre outros.

Dentre estes autores que examinaram o grafismo infantil, todos eles admitem haver várias fases, etapas ou períodos que se tornam idênticas aos sujeitos no estágio do desenho enquanto forma de representação.

Como refere Alexandroff (2010), Piaget nomeia cinco fases do desenho, todavia como o meu estudo se inclina para a expressão gráfica das crianças com idades entre os zero e os seis/sete anos, somente indico as enquadradas nesta faixa etária que são a

garatuja e o pré-esquematismo. O período da garatuja começa na fase sensório-motor, entre os 0 e os 2 anos de vida da criança e vai até aos 2-7 anos já no período Pré-Operacional.

Neste tempo (da garatuja) a criança ostenta muita satisfação em desenhar, sendo ainda inexistente a figura humana.

Prosseguindo sobre aquilo que a autora defende, mesmo seguindo-se pela teoria de Piaget, a garatuja pode repartir-se em garatuja desordenada e garatuja ordenada.

Na garatuja desordenada, os movimentos são amplos e desorganizados, não subsiste apreensão com os traços, sendo estes sobrepostos com diversos traços várias vezes.

Já na garatuja ordenada, os movimentos erguem-se através de traços longitudinais e esféricos, e relativamente à figura humana esta ainda aparece, mas de uma forma idealizada, podendo surgir o interesse pelas formas.

A fase da garatuja é desta forma marcada por ainda não haver uma conexão fixa entre o objeto e a sua representação, apesar de nesta etapa a criança poder já declarar o que vai desenhar.

No Pré-Esquematismo surge o descobrimento da ligação entre o desenho, o pensamento e a realidade, os constituintes do desenho não se relacionam e permanecem desordenados.

Alexandroff explica a etapa seguinte – pré-esquematismo – como a etapa em que ocorrem geralmente duas consecuições, a descoberta da relação cor objeto e o uso da linha de base, já existindo igualmente uma conceção sobre a figura humana.

Para Piaget a fase do esquematismo expõe-se no estágio das operações concretas (dos 7 aos 12 anos aproximadamente). Neste episódio evolutivo, a criança já é competente de obter muitas das capacidades mentais de um indivíduo adulto. É neste período que o uso da lógica ganha força.

É importante lembrar que estas fases não são fixas ou universais, e que cada criança pode desenvolver habilidades de desenho no seu próprio ritmo e de maneiras diferentes. Além disso, outras teorias e autores podem propor outras fases ou características do desenvolvimento do desenho infantil tal como Gândara (1987) que

alude que a criança entre os quatro e os cinco anos tendem já a colocar a cor (por norma duas) sem alusão com a realidade. Os estudos da autora em questão apresentam que as crianças entre os 6 e os 8 anos tendem a beneficiar de uma imensa profusão de cores em que o colorido se relaciona com aspetos concretos dos elementos desenhados.

O desenho é uma atividade muito importante para o desenvolvimento infantil, pois estimula a criatividade, a coordenação motora e também a expressão pessoal. Por isso, Vygotsky, (1989) também se inclinou sobre o desenho infantil argumentando que o seu desenvolvimento patenteia duas condições:

- O domínio do ato motor, ou seja, o desenho num período inicial é o registo do gesto, transpondo depois a ser o da linguagem;
- A fala no ato de desenhar é fundamental.

A primeira característica assinala que o desenho é pioneiro da escrita. Pode afirmar-se desta forma que se integra uma realidade conceituada sempre que há perceção do objeto no desenho, pois a criança aí já dá um sentido ao desenho.

No que respeita à segunda característica a criança desenha e só a seguir transmite o que desenhou, antecipando a fala numa fase seguinte, expondo o que vai desenhar.

Assim sendo, para Vygotsky a linguagem verbal é o suporte da linguagem gráfica.

O mesmo autor ainda reconhece quatro fases de desenvolvimento da expressão gráfica:

- A primeira fase é a fase simbólica, isto é, a etapa da figura humana, porém muito resumida. Vygotsky relata assim esta etapa como o momento em que as crianças usam a memória e desenham os objetos sem enorme preocupação sobre aquilo que ponderaram desenhar. Segundo o autor, nesta fase a criança *representa de forma simbólica objetos muito distantes do seu aspeto verdadeiro e real.*
- A segunda fase é a fase simbólica-formalista, ou seja, a criança já consegue nomeia melhor os traços e as formas do desenho. Neste período também já se compreende e reconhece-se uma representação mais semelhante à da realidade. É o momento que a criança *representa de forma simbólica objetos muitos distantes do seu aspeto verdadeiro e real.* (Vygotsky, 1987, Cit, Alexandroff, 2010).

- A terceira fase é a do formalista veraz, onde as representações gráficas são semelhantes à forma notada dos objetos, findando deste modo os aspetos mais simbólicos das fases antecedentes.
- A quarta e última fase é a formalista plástica, onde o grafismo passa a ser um trabalho criador, deixando de ser uma atividade.

Os dois autores em questão atentam o desenho como precursor da escrita e tanto Piaget como Vygotsky:

...apesar de focarem aspetos diferentes do desenho infantil, Piaget focando mais os aspetos epistémicos e Vygotsky os aspetos mais sociais, no que diz respeito à importância do desenho no desenvolvimento da criança é a característica de que a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto. (Alexandroff, 2010, p.11).

Como o desenvolvimento do desenho infantil é uma das áreas de estudo mais importantes da psicologia do desenvolvimento, diversos autores, ao longo do tempo, estudaram as fases do desenho da criança com o intuito de entender melhor como se dá esse processo. E, por isso mesmo, uma das principais teorias sobre as fases do desenho infantil foi proposta por Viktor Lowenfeld, no seu livro “Desenvolvimento da Capacidade Criadora”. Segundo o autor em questão as fases do desenho da criança são:

- Fase da garatuja – dos 2 aos 4 anos, a criança faz rabiscos sem significado.
- Fase pré-esquemática – dos 4 aos 7 anos, a criança começa a fazer desenhos com formas básicas, como círculos e linhas.
- Fase esquemática – dos 7 anos aos 9 anos, a criança passa a usar símbolos para representar objetos, como desenhar um sol com círculos e raios.
- Fase realista – a partir dos 9 anos, a criança começa a desenhar com mais detalhes e realismo, procurando representar a realidade.

Rhoda Kellogg também se debruçou sobre as fases do desenho infantil e propôs cinco fases, sendo elas:

- Fase da garatuja – dos 2 aos 4 anos, a criança faz rabiscos sem intenção.
- Fase da forma básica – dos 4 anos aos 7 anos, a criança passa a usar formas básicas, como círculos e quadrados, para desenhar.

- Fase da imagem concreta – dos 7 anos aos 9 anos, a criança começa a desenhar objetos reais com mais detalhes.
- Fase da imagem complexa – dos 9 anos aos 11 anos, a criança começa a criar desenhos mais complexos, com vários elementos.
- Fase da imagem realista – a partir dos 11 anos, a criança passa a desenhar com mais realismo e detalhes.

Para além destes autores também é importante mencionar a autora Fay B. Kaigler, que estudou as fases do desenho infantil, mas com o foco na aprendizagem. Segundo a mesma, as fases do desenho da criança são:

- Fase da Garatuja - dos 2 aos 4 anos, a criança faz rabiscos sem intenção.
- Fase do Desenho Primitivo - dos 4 aos 7 anos, a criança começa a desenhar formas básicas e objetos simples.
- Fase do Desenho Realista - dos 7 aos 9 anos, a criança passa a desenhar com mais detalhes e realismo.
- Fase da Compreensão Simbólica - dos 9 aos 11 anos, a criança começa a entender a relação entre símbolos e objetos reais.
- Fase da Criação - a partir dos 11 anos, a criança começa a criar desenhos mais elaborados e expressivos.

De entre infindas teorias sobre o desenho infantil, Luquet aborda aliciantes conceções que podem ser equiparadas a diferentes teorias.

Como menciona Binfaré (2009), para Luquet p.16 “*o desenho pode, em certo sentido, ser considerado como um processo que permite representar objetos, tanto pelo conhecimento que temos dele ou pela maneira como o conhecemos, como pela aparência que oferecem aos nossos olhos*”.

Luquet, categorizou em níveis a evolução e o progresso do desenho infantil:

- O primeiro nível diz respeito ao “Realismo fortuito”. Este reparte-se em dois momentos, o primeiro, notado como momento involuntário, as linhas esboçadas pelas crianças não são o resultado da consciência de objetos, a criança simplesmente delinea por delinear não tem intenções de exhibir nada. O segundo momento, momento voluntário, a criança inicia a sua representação com uma intenção que pode não concordar com o

significado do produto final, isto porque no final, a criança decifra o desenho com aquilo que ela acha idêntico. Este momento encontra-se presente nas crianças até aos dois anos e meio sensivelmente.

- O segundo nível é a “Incapacidade sintética” ou “Realismo falhado”, este é patenteado por crianças entre os três e os cinco anos de idade. Neste período a criança constrói representações exageradas de um objeto ou pode até ocultar frações do mesmo, de acordo com a relevância que o objeto apresenta para ela.
- O terceiro nível tem como nome “Realismo intelectual”, e é aquele em que a criança emprega diferentes recursos como a transparência para mostrar todo o conhecimento que tem à cerca do objeto. Como exemplo, ao exibir o corpo humano, a criança destaca os órgãos internos, ou para apresentar uma casa, delinea os objetos que estão dentro da mesma. É ainda neste nível que a criança começa por obter os primeiros conceitos de distância e projeção.
- O quarto e último nível intitula-se por “sentido do percurso” e é considerado pelo autor o mais relevante, deixando de lado as etapas por si só.

De forma a concluir o acima descrito considera-se que distintos autores vêem o desenho da criança progredir por etapas, níveis ou fases, etapas essas que mostram a maneira como a criança detém o que a rodeia. Desta forma, pode-se asseverar que o desenho testemunha a aptidão psicomotora da criança representar o seu ambiente.

iv. Estimular a Capacidade de Desenhar

Ao encontro daquilo que diz Binfaré (2009), nenhum sujeito nasce a saber andar, falar ou escrever, da mesma maneira que ninguém nasce a saber desenhar. Bem como as outras aptidões, o desenho vai progredindo através de diferentes experiências que a criança terá de atravessar.

Há inumeráveis aspetos que podem cooperar para influir o processo de desenvolvimento do desenho de cada sujeito, as oportunidades apresentadas, o sistema

educacional ou a realidade que o sujeito está introduzido, são aspetos que ajudam para esse processo.

Existem algumas maneiras eficazes de estimular a capacidade de desenhar de uma criança, sendo estas:

- Encorajar a criança a desenhar regularmente: Isso pode ser feito fornecendo-lhe papel e lápis ou lápis de cera e encorajando-a a desenhar o que quiser, sem julgamentos ou pressões.
- Dar feedback positivo: Quando a criança mostrar um desenho, é importante elogiar os seus esforços e ser específico sobre o que você gosta no desenho. Em vez de dizer apenas "bom trabalho", tente dizer algo como "Gostei muito das cores que você escolheu" ou "Você desenhou um cão muito bonito, eu gosto das suas linhas retas para as pernas".
- Ensinar habilidades técnicas: Algumas crianças podem ficar frustradas com o desenho porque têm dificuldade em desenhar certos objetos ou figuras. Ensine técnicas básicas, como desenhar linhas retas ou círculos, para ajudá-las a construir a confiança nas suas habilidades.
- Encorajar a observação: Quando as crianças observam objetos ou pessoas ao seu redor e tentam desenhá-los, estão aprendendo a observar e a representar com precisão o que estão vendo. Incentive a criança a observar as formas e proporções dos objetos ao seu redor e tente desenhar o que está vendo.
- Expor a criança a várias formas de arte: Leve a criança a galerias de arte ou museus para que possa ver uma variedade de estilos e técnicas de arte. Isso pode ajudá-las a desenvolver a sua própria sensibilidade artística e a apreciar a diversidade das formas de arte.
- Fornecer livros e recursos de arte: Fornecer livros de arte, revistas e outros recursos que mostrem exemplos de diferentes estilos de desenho pode ajudar a criança a descobrir novas ideias e técnicas.
- Incentivar a criatividade: Encoraje a criança a usar a sua imaginação e a criar os seus próprios desenhos. Permita que ela experimente diferentes estilos e técnicas de desenho e seja criativa no processo.

No ponto anterior salientou-se a maneira como a criança começa o seu desenho com rabiscos, por volta dos dois anos de idade, desenhando pela satisfação de deixar as suas marcas ou por pretender imitar os adultos. Os riscos que a criança vai transpondo no papel, constituem-se depois como novos estímulos, o que a leva a testar novas superfícies como a areia, o vidro ou até as paredes.

Tendo como modelo os estudos de Binfaré (2009) o controlo motor e as descobertas estéticas, são determinados aspetos onde se pode despertar a aptidão de desenhar da criança. Em concordância com a autora, a criança decora os riscos trasladados para o papel, riscos esses, que inspiram formas e à medida que ela consegue o controlo motor vai originando essas mesmas formas, mas de forma mais serena e mais limpa.

Ana Salvador (1999), notifica esta afirmação fundamentando que a criança mostra a necessidade inata de se manifestar quer através do brincar quer pela expressão gráfica, pelo que não é fundamental que o adulto desperte na criança a vontade de desenhar ou brincar, o adulto só tem que consentir e proteger esse desejo. Para desenhar a criança precisa dos materiais adequados, para brincar ela já o pode fazer sem ter brinquedos, no entanto para brincar a criança já carece de um espaço vasto enquanto no desenho um cantinho já lhe dá.

Por outro lado, Derdyk (1989) declara que o desenho é um instrumento para os adultos decifram o pensamento da criança, visto ser o efeito do que a criança vê, pensa e imagina.

Concluimos assim que para estes três autores a expressão gráfica obtém uma desmedida relevância para o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola, sendo essencial o envolvimento do adulto no mínimo para lhe conceder materiais pois, para que a criança se sinta confiante para produzir as suas representações, o meio ambiente deve ser cativante.

Para Binfaré (2009) o facto de nos dias de hoje as crianças terem uma desmedida porção de brinquedos, coopera para que o brinquedo seja uma fonte de interdição e bloqueio da criança, visto que ela não sabe como brincar. A publicidade com que constantemente é bombeada fá-la modestamente querer, não lhe concede a chance de admirar, fantasiar o que fazer com o brinquedo.

Segundo a autora supracitada, para desenhar a criança carece de condições atingíveis a quase todas as famílias: lápis, tintas, giz, papéis, areia da rua, e os seus dedos. O que indica que os adultos cada vez mais incentivam a criança a desenhar.

Contudo esta atividade não deve ser olhada como uma atividade particularizada, meramente da exclusividade da criança, tem de ser partilhada pelo adulto. É tão marcante para a criança obter conhecimento como obter liberdade de expressão.

De encontro com o acima referido, Moreira (1984) destaca o valor dos professores, principalmente no pré-escolar, estimarem os desenhos das crianças e evitarem críticas alusivas a representações mal definidas, pois essa atitude pode levar a uma interiorização por parte da criança de que “não sabe desenhar”. O autor sugere que se analise prudentemente a prática da criança e se evite interpretações precipitadas.

A expressão gráfica, de acordo com Ana Salvador (1999) não tem de ser perfeita para ser proveitosa, pois não se deve desejar que as crianças sejam artistas. Deve ser notada como algo muito marcante: como uma forma expressiva, livre e comunicativa, que possibilite que com muito pouco se alcance muito.

Com o intuito de provar o contrário a autora supramencionada coloca em causa a eventualidade da escola argumentar que para a educação o objetivo, na área da expressão plástica, é que a criança estime a beleza e consiga concretizar trabalhos no âmbito de normas de cor, de formas e de proporções e para isso mesmo cita Piaget que menciona que:

“A educação artística desse ser, antes de mais, a educação da espontaneidade estética e desta capacidade de criação cuja presença a criança já manifesta; e muito mais que qualquer outra forma de educação, não pode contentar-se com a transmissão e aceitação passiva de uma verdade ou de um ideal completamente elaborados: a beleza, como a verdade, não tem valor se não é recriada pelo sujeito que a procura”. (Ana Salvador: 198, p.73)

De destacar a importância que a creche e o pré-escolar têm no que toca a apoiar as expressões plásticas/gráficas de cada criança orientando-as, mas sem nunca lhes cortar a criatividade.

O Papel do Educador de Infância

O papel do educador de infância é um tema de grande relevância e interesse no campo da educação, sendo objeto de estudo e reflexão por diversos autores. Ao longo dos anos, várias teorias e abordagens têm contribuído para compreender e valorizar o papel desse profissional na formação e desenvolvimento das crianças.

Segundo Vygotsky, renomado psicólogo e teórico da educação, o educador de infância desempenha um papel fundamental como mediador do conhecimento. Na sua teoria sociocultural, destaca-se a importância da interação social e do ambiente como mediadores do desenvolvimento cognitivo das crianças. O educador, nesse sentido, cria situações de aprendizagem que promovem a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o espaço entre o que a criança é capaz de fazer sozinha e o que consegue fazer com apoio. Através de uma abordagem colaborativa, o educador estimula as crianças a superarem desafios e a construir conhecimentos de forma ativa.

Outro autor relevante é Piaget, cuja teoria do desenvolvimento cognitivo enfatiza a importância da atividade lúdica na aprendizagem infantil. O educador de infância, nessa perspectiva, assume o papel de facilitador do jogo simbólico e das experiências de exploração e descoberta. Ao proporcionar um ambiente rico em estímulos e desafios, o educador estimula o desenvolvimento das capacidades cognitivas, como a organização de esquemas mentais e a resolução de problemas.

Na abordagem socio construtivista de Bruner, destaca-se o papel do educador como um agente que organiza e estrutura os conteúdos de forma significativa para as crianças. O educador cria situações de aprendizagem que envolvem a participação ativa das crianças, estimulando a construção de conhecimentos através da interação com o meio e com os pares. Através do diálogo e do questionamento, o educador incentiva a reflexão e o desenvolvimento do pensamento crítico nas crianças.

É importante mencionar também o papel do educador como um facilitador da inclusão e da diversidade na sala. Autores como Freire e Vigotski defendem a importância de uma educação inclusiva, que valorize a diversidade cultural e as diferenças individuais. O educador de infância, nessa perspectiva, deve promover um ambiente acolhedor, respeitando e valorizando as características e potencialidades de cada criança.

Em síntese, o papel do educador de infância é multifacetado e complexo, envolvendo aspectos cognitivos, socio emocionais e culturais. Através de uma abordagem mediadora, lúdica e inclusiva, o educador contribui para o desenvolvimento integral das crianças, proporcionando experiências significativas de aprendizagem. As teorias de autores como Vygotsky, Piaget, Bruner, Freire e Vigotski oferecem fundamentos sólidos para a compreensão e valorização desse importante papel.

Cada criança é um ser individualizado, com as suas próprias características e também com o seu próprio ritmo de aprendizagem. Por isso, é fundamental que o Educador tenha em atenção isso, uma vez que é do interesse do Educador e da sua equipa cativar o interesse de cada criança, estimular a mesma para a exploração e para a concretização de atividades lúdicas, podendo também despertar a curiosidade e criatividade. O Educador deve proporcionar algumas oportunidades com o objetivo de explorar distintos materiais, fazendo com que as crianças tenham as suas próprias experiências. Parte do Educador e da sua intencionalidade educativa, desenvolver e fortalecer a autonomia da criança a partir de alguns momentos, concebendo também experiências e vivências para que mais tarde possa refletir.

O papel do educador de infância é fundamental e bastante importante no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Para isso, o mesmo tem de desempenhar diversas funções, tais como:

- Cuidado e bem-estar – O educador é responsável por garantir o cuidado físico e emocional das crianças, atendendo às suas necessidades básicas, como alimentação, higiene e conforto. Ele cria um ambiente acolhedor e seguro, promovendo o bem-estar geral das crianças.
- Estimulação e desenvolvimento – O educador promove o desenvolvimento integral das crianças, estimulando as suas habilidades cognitivas, motoras, sociais e emocionais. Ele planeia atividades adequadas à faixa etária das crianças, proporcionando oportunidades de aprendizagem por meio de brincadeiras, jogos, música, arte e outras formas de expressão.
- Acompanhamento individualizado – O educador observa cada criança de forma individualizada, identificando as suas necessidades, interesses e dificuldades. Com base nessa observação, ele adapta as suas práticas

pedagógicas, oferecendo suporte e estímulo adequados a cada criança, promovendo o seu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

- **Parceria com a família** – O educador estabelece uma relação de parceria com as famílias, compartilhando informações sobre o desenvolvimento das crianças e envolvendo-as nas atividades da creche ou jardim de infância. Essa parceria fortalece o vínculo entre a família e a instituição, favorecendo o desenvolvimento integral da criança.
- **Mediação de conflitos e promoção da socialização** – O educador auxilia as crianças na resolução de conflitos, incentivando o diálogo, a empatia e o respeito mútuo. Ele cria oportunidades para que as crianças interajam entre si, aprendam a compartilhar, a cooperar e a conviver em grupo, desenvolvendo habilidades sociais essenciais.
- **Avaliação e registo do desenvolvimento** – O educador realiza avaliações periódicas do desenvolvimento das crianças, utilizando diferentes estratégias e instrumentos. Ele regista os progressos, dificuldades e conquistas das crianças, compartilhando essas informações com as famílias e utilizando-as para planejar novas atividades e intervenções pedagógicas.

O Educador tem um papel muito importante na vida de uma criança, enquanto a mesma se encontra na instituição, pois o mesmo deve contribuir para o alargamento tanto da criatividade como do conhecimento do mundo da criança através de atividades de expressão plástica e através também do manuseamento de materiais diversificados. De acordo com as OCEPE (2016), é dever do Educador:

“Selecionar esses contextos, privilegiando artistas portugueses, diversificando estilos (figurativo, abstrato, etc.) para planejar oportunidades de as crianças observarem, explorarem e criarem interesse por diferentes manifestações artísticas. Importa que, também no pré-escolar, haja imagens de obras de arte à disposição das crianças, que as poderão rever e utilizar para recriar as suas produções, dialogar em grupo sobre elas, partilhando as suas descobertas e interpretações, de modo que sejam um meio de alargamento e enriquecimento cultural e de desenvolvimento da apreciação crítica.” (p. 50).

Conforme Sousa (2003, p.182) afirma, o Educador deve:

“Considerar a expressão plástica da criança como uma projeção da sua personalidade em formação”; “compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento”; “estimular a criança nas suas relações com o ambiente”; “apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência”; compreender que as “proporções erradas” exprimem, frequentemente, uma experiência”; “compreender que as percepções da criança, a respeito da arte, são diferentes das do adulto”; “apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos”; “colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar”; “ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros”; “encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma”; “criar um clima de tolerância, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma”; “criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa” e “deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação”.

Pois, é de salientar o importante papel que o Educador tem no sentido de impulsionar as aprendizagens das crianças.

Por outro lado, o autor acima referido também menciona alguns aspetos que um Educador deve evitar fazer:

“Corrigir” ou “ajudar” a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe uma personalidade de adulto”; “considerar que o “produto final” do esforço infantil tenha alguma importância”; “entregar à criança cadernos para colorir ou modelos de desenhos que a tornariam insensível ao ambiente”; “demonstrar apreço por tudo o que a criança faça indiscriminadamente”; “corrigir as proporções dos trabalhos”; “esperar que as manifestações artísticas das crianças sejam sempre agradáveis aos olhos dos adultos”; “preferir o trabalho de uma criança ao de outra”; “limitar a atividade infantil, deixando de dar à criança um local apropriado para trabalhar”; “fazer comparações ou competições de trabalhos de crianças, sobretudo

quando envolverem prêmios ou recompensas com estímulos”; “impor à criança os 19 padrões dos adultos”; “pendurar o “melhor” trabalho na parede”; “mostrar à criança “como se faz”, “como se desenha” ou “como se pinta”.

Metodologia do Estudo

Identificação e Justificação sobre o Método Utilizado

Ao concretizar este projeto de investigação anseio aprofundar os meus conhecimentos à cerca do tema em questão, a expressão plástica, tendo como destaque o desenho, tanto na creche como no pré-escolar. Foi possível certificar no estágio em pré-escolar de que maneira é que a criança estava a ser estimulada para a área abordada e ao mesmo tempo perceber se tinha um fácil acesso a todos os materiais para que os mesmos pudessem ser explorados. Isto foi possível de verificar através do dia-a-dia das crianças, das atividades concretizadas e também a partir da atividade que desenvolvi com o grupo. Escolher a expressão plástica como tema do meu projeto de investigação deu-me a entender o porquê de esta ser uma área muito requisitada pelas crianças. Esta é uma área onde cada criança pode-se exprimir de diversas formas, pode jogar com a sua imaginação e criatividade, consegue estar em contacto com diversas texturas e tantos outros materiais, entre muitas outras coisas e, no meu entender, é por todas estas coisas que tenho vontade de descobrir mais e perceber o quão bom e satisfaz uma criança ao estar em contacto com a área da expressão plástica.

Depois, tentei perceber e ver junto da Educadora e das crianças da sala, através de uma visita à área em questão e de inspecionarmos quais os materiais que eram utilizados em sala, e quais os que estão ao dispor da criança, se estes eram diversos ou não. Após esta verificação quis alargar a minha pesquisa e também procurei se existiam espaços específicos para a exploração dos materiais de expressão plástica e se a criança o faz autonomamente ou só com o auxílio de um adulto da sala. Notei, através da observação que existia em sala uma mesa especifica para a realização dos trabalhos e desenhos da expressão plástica e que na maioria das crianças se deslocam sozinhas para a mesma e produzem os seus desenhos livremente.

De acordo com Viktor Lowenfeld, a expressão plástica de uma criança é como se fosse uma descrição da sua personalidade e carácter, isto é, se a mesma se sentir livre, flexível e desinibida a sua expressão também será, por outro lado se a criança nutrir sentimentos ou expressões contrárias, compreende-se que esta demonstrará estas mesmas características, contudo poderá ser num contexto educativo, onde a relação entre criança e expressão plástica surge da intervenção do Educador. Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), e consoante o artigo 13º/1 que todas as crianças têm o “direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e

expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança”, desde 21 de setembro de 1990. Por outro lado, existem opiniões de outros autores que indicam que a criança tem todo o direito de explorar materiais de forma livre, sem a intervenção do adulto ou que esta seja constante ou limitante, podendo observar completas criações da criança sem qualquer interferência do adulto/Educador. No entanto, relativamente à criatividade, diversos autores referem que desde que se consiga distinguir o real do seu imaginário esta deve ser criativa e utilizar o imaginário para o retratar no papel.

Ao desenvolver este projeto de investigação-ação considerei algumas abordagens e decidi que aquela que se adequava melhor seria a abordagem de carácter qualitativo, tendo em atenção a questão de investigação e o contexto.

Craveiro (2007, p. 202) refere que, "a perspectiva qualitativa de pesquisa tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto". E acrescenta, "(...) pretende-se interpretar em vez de mensurar e procura-se compreender a realidade tal como ela é, experienciada pelos sujeitos ou grupos a partir do que pensam e como agem (seus valores, representações, crenças, opiniões, atitudes, hábitos)".

A abordagem de carácter qualitativo que escolhi baseia-se na observação e apreciação das características estéticas e expressivas das criações artísticas das crianças. Esta abordagem enfoca a valorização da expressão individual, a exploração criativa e o desenvolvimento das habilidades artísticas das crianças.

Para a problemática em questão a abordagem qualitativa é adequada à expressão plástica tanto no contexto de creche como no de pré-escolar, porque a mesma se concentra na compreensão e no respeito pela singularidade e pelo sucesso de criação das crianças. Em vez de aplicar critérios rígidos ou avaliar a arte das crianças em termos de padrões estabelecidos, a abordagem qualitativa valoriza a expressão espontânea, a imaginação e a experimentação das crianças.

Desta forma, compreende-se que o processo de investigação realizado teve uma abordagem qualitativa, visto que, numa primeira etapa tive a preocupação de conhecer e entender as concepções da criança sobre o tema, observar a sua maneira de pensar e agir perante a problemática para depois adequar uma nova metodologia.

Na creche e no pré-escolar, as atividades de expressão plástica desempenham um papel importante no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das crianças. O método qualitativo permite que os educadores observem e apreciem as escolhas de cores, a combinação de materiais, as formas, os padrões e a criatividade das crianças. Isso possibilita uma compreensão mais completa e contextualizada do processo de expressão artística das crianças.

Ao valorizar a expressão individual das crianças, o método qualitativo incentiva a autoconfiança, a autoexpressão e o pensamento crítico. As crianças são encorajadas a explorar diferentes materiais, experimentar novas técnicas e comunicar as suas ideias e sentimentos por meio da arte. Dessa forma, o método qualitativo na expressão plástica contribui para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a criatividade, a imaginação e a capacidade de comunicação.

Além disso, o método qualitativo permite que os educadores observem as interações sociais das crianças durante as atividades de expressão plástica. É possível identificar o compartilhamento de ideias, a colaboração, a comunicação não verbal e a apreciação mútua das criações artísticas das crianças. Essa abordagem promove a construção de relacionamentos saudáveis, a empatia, e a valorização da diversidade de expressões individuais.

Denzin (1994, citado por Aires, 2011, p. 16), também menciona que o processo de investigação qualitativa se assume como sendo reflexivo e complexo, tendo em conta que o desenvolvimento de um processo de investigação impõe a passagem por díspares etapas, particularmente, a observação (identificação da situação problema); a planificação e intervenção; a reflexão (análise) e a implementação de um plano de ação (uma possível alteração). De acordo ainda com o ponto de vista do mesmo autor, este tipo de investigação inclui diferentes componentes, sobretudo, uma pesquisa no terreno, a elaboração de um texto de campo e de um segundo texto mais completo e organizado com base nas notas de campo, a construção de um texto interpretativo provisório onde se expõe a definição da situação-problema, a sua interpretação e a sua versão científica da realidade social.

Tendo em conta a trajetória exibida por Denzin (ibidem), optei por uma abordagem de carácter qualitativo, pois com o desenrolar da investigação considerava

igualmente uma pesquisa no terreno (estágio) e a concretização de algumas notas e textos de campo.

James McKernan (1998, citado por Máximo-Esteves, 2008, p. 20) refere que:

Investigação-ação é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático - primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano de ação -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da ação ao problema. A avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da ação realizada. (...) Investigação-ação é uma investigação científica sistemática e autorreflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática.

Assim, considerei que a investigação se inspira num paradigma interpretativo, visto que o ponto de partida foi, em parte, conhecer uma demarcada situação problema, compreendê-la e entendê-la consoante a visão de cada criança da sala de Creche e de Pré-Escolar do contexto em questão e posteriormente intervir, tentando resolver a problemática da situação.

Desta forma, e para concluir, a abordagem qualitativa na expressão plástica na creche e no pré-escolar valoriza a expressão individual das crianças, a sua criatividade e o seu processo e criação. Ele enfatiza a observação atenta, a apreciação e o respeito pela singularidade de cada criança. Esta abordagem promove o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a sua autoconfiança, imaginação, habilidades motoras, pensamento crítico e habilidades sociais.

Identificação dos Procedimentos de Recolha e Tratamento de Dados

Relativamente aos procedimentos e às técnicas de recolha e tratamento de dados foi fundamental demarcar os mais apropriados, tendo em atenção tanto os objetivos como as intencionalidades da investigação. Assim, em seguida, apresentarei, sucintamente, os referidos procedimentos e/ou técnicas e alguns instrumentos que me proporcionaram a recolha e tratamento de dados. Como menciona Aires, (2011, p. 24), "a seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo". A mesma autora ainda adiciona que "as técnicas de recolha de informação predominantemente utilizadas na metodologia qualitativa agrupam-se em dois grandes blocos: técnicas diretas ou interativas e técnicas indiretas ou não interativas" (ibidem). Assim sendo, optei por selecionar uma técnica direta, observação participante, e duas técnicas indiretas, diário de bordo/notas de campo e registo fotográfico.

a) Observação Participante

A observação participante tanto em creche como em pré-escolar é uma abordagem de pesquisa que envolve a participação ativa do estagiário no ambiente educacional das crianças em idades pré-escolares. Neste método, o estagiário torna-se um membro ativo da comunidade escolar, interagindo com as crianças, com os educadores e com outros profissionais envolvidos no cuidado e na educação das crianças.

Ao realizar este tipo de abordagem em uma sala de creche ou de pré-escolar, o estagiário pode:

- Imergir no ambiente educacional - participar nas atividades diárias como brincadeiras, refeições, atividades de aprendizagem, momentos de rotina e interações sociais. Isso permite ao estagiário obter uma compreensão mais profunda do ambiente e da dinâmica da sala.
- Observar as interações entre as crianças e os educadores - registar as interações entre as crianças e os educadores, observando como os educadores se envolvem com as crianças, se fornecem suporte, orientação e oportunidades de aprendizagem. Prestar atenção às estratégias de

ensino, ao estilo de comunicação e às formas de engajamento das crianças pode fornecer percepções sobre as práticas pedagógicas.

- Participar nas atividades de aprendizagem - integrar-se ativamente nas atividades de aprendizagem realizadas. Participar em brincadeiras, projetos, sessões de leitura, atividades artísticas e outras experiências de aprendizagem proporcionam uma visão mais próxima das práticas educacionais e das experiências das crianças.
- Registrar observações e reflexões - durante as sessões de observação, fazer anotações detalhadas sobre as interações, comportamentos das crianças, estratégias pedagógicas, desafios enfrentados e quaisquer outros aspectos relevantes. Além disso, registrar reflexões pessoais sobre as observações e percepções obtidas durante o processo de observação.
- Estabelecer relações com as crianças e educadores - criar relacionamentos com as crianças e com os educadores, estabelecendo confiança e engajamento mútuo. Participar em conversas informais, ouvir as suas perspectivas, entender as suas experiências e desafios pode ajudar a obter percepções mais profundas sobre o ambiente educacional.
- Analisar o contexto educacional - além das interações individuais, observar o contexto educacional de forma mais ampla, incluindo as políticas, as práticas de gestão, as normas e as dinâmicas sociais presentes. Analisar o ambiente físico, as rotinas diárias, as interações entre as crianças e o papel dos educadores na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem infantil.

A minha assiduidade, presença e observação no terreno (estágio) foi o principal instrumento de recolha de dados, pois, a observação é considerada como um dos instrumentos com mais destaque e importância na investigação de natureza qualitativa. De acordo com Stake, (1995, p. 77), as “observações conduzem o investigador a uma maior compreensão do caso.”.

O acompanhamento dial das diversas crianças viabilizou uma maior aproximação e também uma melhor compreensão, entendimento e percepção daquilo que pensam e dizem, tal como, das suas ações e comportamentos. Como salienta Quivy & Campenhoudt (1992, p. 196) "os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles

se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho". Pois, é desta forma e é também através do trabalho desenvolvido com o grupo de crianças que é essencial para mim o contacto direto e a observação participante com as crianças, uma vez que, assim se torna possível para mim haver uma apreensão das suas conceções acerca da temática desenvolvida. "Escolhemos as oportunidades identificadas em parte pelos problemas que nos ajudam a familiarizar melhor com o caso." (Stake, 1995, p. 77).

Colás (1992, citado por Aires, 2011, p. 25) reconhece três etapas da observação participante:

- Seleção de Cenários - onde o cenário ideal é aquele onde o investigador conquista um acesso mais fácil e estabelece uma boa relação com os sujeitos e, ainda, oferece informações diretamente relacionadas com as questões fundamentais para a pesquisa;
- Recolha de Informação - recorrendo a notas de campo, registos textuais dos diálogos com os intervenientes e entrevistas;
- Tratamento de Protocolos Recolhidos, isto é, uma reflexão acerca dos aspetos observados, formulação de conexões entre as distintas dimensões da realidade notada.

Considerando a investigação desenvolvida, identificam-se as aludidas etapas da observação ao longo da intervenção no contexto de prática pedagógica. É de salientar que ambos os contextos de estágio foram ideais para a implementação da investigação, pois sempre existiu uma boa relação entre todos os partícipes, quer com as crianças, quer com a equipa das salas bem como com as restantes colaboradoras de cada instituição; relativamente à recolha de informações, a mesma tem também outros componentes de trabalho, isto é, para além de algumas notas de campo, foi identicamente concretizado um diário de bordo e, ainda, registos textuais de diálogos que se fundaram entre a estudante e as crianças das distintas instituições; a análise e tratamento das informações recolhidas através da observação participante foram alvo de uma reflexão, com o objetivo de se tornar possível o estabelecimento e criação de relações e a averiguação de evoluções e melhorias face à temática trabalhada.

Apesar de a observação participante ser um dos procedimentos de recolha mais usados, a mesma transporta consigo algumas vantagens e inconvenientes (Aires, 2011, p.27). Seleccionam-se como vantagens "as potencialidades que demonstra no estudo das

dinâmicas e inter-relações dos grupos (...), a facilidade na obtenção das informações internas aos grupos que não seriam detetáveis a partir de outras técnicas, a facilidade no registo de informações não-verbais" (ibidem). Já os inconvenientes são "o perigo da subjetividade proveniente da projeção de sentimentos ou pré-juízos do investigador, a incidência do comportamento do investigador na dinâmica do grupo e a perda da capacidade crítica face a uma possível identificação com o grupo" (ibidem).

b) Notas de Campo

As notas de campo são registos escritos feitos pelo estagiário durante a observação participante tanto em sala de creche como em sala de pré-escolar. Estas notas são essenciais para documentar e capturar informações relevantes sobre as interações, comportamentos, atividades e contextos observados no ambiente educacional. Aqui estão algumas diretrizes que me ajudaram a elaborar as minhas notas de campo:

- Ser detalhado e descritivo - ao escrever as notas de campo, ser o mais descritivo possível. Registrar o que se observa, ouve e experimenta no ambiente de creche ou pré-escolar. Descrever as ações das crianças, as interações entre elas, as estratégias dos educadores, os materiais utilizados, os jogos, as brincadeiras e outros detalhes relevantes.
- Registrar o contexto – além de descrever as ações e eventos, também é importante registrar o contexto em que ocorrem. Anotar as informações sobre o ambiente físico da creche ou do pré-escolar, a organização da sala, os recursos disponíveis, as regras e rotinas, bem como qualquer fator externo que possa influenciar o comportamento das crianças.
- Usar linguagem objetiva e clara – manter um tom objetivo nas notas de campo, evitando interpretações ou julgamentos. Usar uma linguagem clara e precisa para descrever as situações observadas, evitando termos técnicos que possam dificultar a compreensão posterior.
- Fazer anotações imediatas – procurar fazer as anotações de campo o mais imediatamente possível após a observação. Isso ajuda a garantir que as informações estejam frescas na memória e não perder detalhes importantes. Se possível, fazer anotações durante a observação, mas

também reservar um tempo posterior para expandir e completar as informações.

- Organizar as notas – manter as notas de campo organizadas e facilmente acessíveis. Usar um caderno, um bloco de notas digital ou qualquer outra ferramenta que funcione melhor. Dividir as notas em secções ou categorias, se necessário, para facilitar a análise e a busca posterior.
- Registrar as impressões e as reflexões – além de descrever as observações objetivas, também é útil registrar as impressões pessoais e reflexões sobre o que está a observar. Isso pode incluir percepções sobre o comportamento das crianças, as estratégias educacionais, os desafios enfrentados e as questões que surgem durante a observação.
- Proteger a privacidade e a confidencialidade – ao fazer as notas de campo, lembrar de proteger a privacidade e a confidencialidade das crianças, dos educadores e de outras pessoas envolvidas. Utilizar pseudónimos ou identificadores genéricos ao registrar informações específicas sobre os participantes.
- Usar técnicas de documentação complementares – além das notas escritas, considerar a possibilidade de complementar as observações com fotografias, desenhos, gravações de áudio ou outros meios de documentação, desde que consiga obter o consentimento adequado das partes envolvidas e esteja em conformidade com as políticas da creche e do jardim de infância.

Para introduzir as notas de campo como um instrumento de trabalho e, ao mesmo tempo, me auxiliasse no desenvolvimento do projeto de investigação, decidi construir um diário de bordo. Pois, a realização e a utilização deste diário de bordo tiveram como ponto de partida ser um meio que diminuísse o esquecimento das informações consideradas pertinentes, uma vez que, era do meu interesse explorar e compreender as concepções das crianças perante a temática em questão. Ou seja, com a elaboração do diário de bordo, foi-me possível mencionar com exatidão e de forma mais minuciosa as interlocuções estabelecidas entre as crianças e a equipa da sala, no decorrer das atividades implementadas.

Segundo Zabalza (1994, p.11), existem três tipos de diários: o diário como organizador estrutural da aula, o diário como descrição das tarefas e o diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores.

- Diário como organizador estrutural da aula: exposição das atividades que o Educador pondera desenvolver durante o dia, porém o mesmo é considerado como pouco completo ao nível da informação, limitando-se apenas ao carácter organizativo e sequencial das atividades;
- Diário como descrição das tarefas: descrição aprofundada de todas as atividades que se vão desenvolvendo na sala. Desta forma, este tipo de diário será proveitoso ao proporcionar uma melhor compreensão a qualquer leitor, no sentido em que, além de abranger a descrição das atividades, tem também alguns indicadores de reflexão por parte de quem o escreveu, subentendendo-se assim o seu carácter pessoal;
- Diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores: extenso índice descritivo, não só respeitante às crianças e às suas especificidades, mas também relativamente aos sentimentos e desempenho do Educador face a demarcadas situações.

No entanto, atento que os diários de bordo por mim elaborados não se concentram somente num dos modelos caracterizados por Zabalza (ibidem), mas sim num misto entre o segundo (diário como descrição das tarefas) e o terceiro modelo (diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores).

c) Registo Fotográfico

O registo fotográfico tanto em creche como em pré-escolar pode ser uma técnica complementar útil para documentar e ilustrar as atividades, interações e o ambiente educacional das crianças. No entanto, é importante respeitar questões éticas e de privacidade ao utilizar fotografias. Aqui apresento algumas diretrizes a serem consideradas ao realizar o registo fotográfico:

- Obter um consentimento informado – antes de capturar qualquer imagem de crianças, obter um consentimento informado dos pais ou responsáveis.

Explicar o propósito do registo fotográfico, como as imagens serão utilizadas e como a privacidade das crianças será protegida.

- Proteger a identidade da criança – ao utilizar fotografias, tomar medidas para proteger a identidade das crianças. Isto pode incluir o uso de pseudónimos, desfocar rostos ou usar ângulos de fotografia que não revelam a identidade das crianças.
- Evitar capturar imagens sensíveis – evitar fotografar situações que possam ser consideradas sensíveis, como momentos íntimos, momentos de conflito ou atividades que possam expor as crianças de forma inadequada.
- Respeitar a privacidade – não compartilhar nem divulgar as fotografias nas redes sociais, sites públicos ou outras plataformas sem o consentimento explícito dos pais ou responsáveis. Manter as imagens num ambiente seguro e restrito, limitado apenas à equipa de pesquisa e aos envolvidos na sala de creche e na sala de pré-escolar.
- Documentar de forma equilibrada – ao selecionar as fotografias a serem utilizadas, procurar uma representação equilibrada das atividades e interações. Evitar enfatizar apenas momentos positivos ou momentos de destaque, e procurar capturar a diversidade de experiências vividas pelas crianças.
- Fazer anotações complementares – acompanhar as fotografias com anotações descritivas para fornecer contexto e detalhes adicionais. Isso ajudará a lembrar do contexto da imagem e facilitará a análise posterior.
- Garantir a segurança das imagens – armazenar as fotografias num local seguro, protegido por senhas e com acesso restrito. Fazer backup das imagens regularmente para evitar a perda acidental de dados.
- Estar ciente das políticas da creche e do pré-escolar - verificar as políticas da creche ou do pré-escolar em relação ao registo fotográfico. Algumas instituições podem ter diretrizes específicas a serem seguidas em relação ao uso de câmaras e fotografias.

No decorrer do período de estágio, foi-me dada a oportunidade de registar os momentos em que cada uma das crianças participou nas mais variadas atividades e projetos desenvolvidos por mim. O registo fotográfico foi devesas importante e fundamental para mim, pois a partir do mesmo pude trabalhar em casa acedendo a esses

mesmos registos. Estes servem também para verificar o que foi executado, pois, “(...) embora as fotos possam não provar nada de forma conclusiva, quando usadas em conjunção com outros dados podem adicionar-se a uma pilha crescente de provas” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 189).

Apresentação e Interpretação das Intervenções

Caracterização da Instituição – Creche

A investigação-ação, em contexto de creche, foi realizada na Instituição A, com uma Educadora Cooperante e com duas Auxiliares de Ação Educativa. Este estabelecimento é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) que abrange três vertentes: o Berçário, a Creche e o Jardim de Infância/ Pré-Escolar, aceitando crianças com idades compreendidas entre, mais ou menos, os três meses de idade até aos seis anos. O edifício da Instituição A pertence à Segurança Social.

A instituição tem apenas um piso, sendo um edifício térreo, que está dividido em diversas áreas, tais como: uma entrada para o berçário e para a creche e uma outra distinta para o pré-escolar; de seguida encontra-se a área administrativa; as instalações sanitárias de serviço para os funcionários e para as crianças; algumas salas de reuniões; o refeitório para as crianças do pré-escolar; a cozinha; as várias salas do pré-escolar que se encontram na ala esquerda, as salas da creche e do berçário que se encontram na ala direita; uma pequena sala destinada para as pausas e para a hora da refeição dos funcionários da instituição; dois espaços exteriores para o pré-escolar e um espaço exterior mais pequeno para cada sala de creche que está agregado a esta; por último, ainda existe um compartimento nas traseiras da instituição que serve como arrecadação e para diversos momentos concebidos pelas Educadoras do pré-escolar com as crianças que por norma não dormem a sesta. Assim sendo, a instituição tem um total de seis salas. O período de funcionamento da Instituição A é das 07h15 às 19h00 horas.

Relativamente aos recursos humanos, esta instituição é composta por uma equipa que se subdivide em: pessoal docente (5 educadoras); pessoal não docente (10 auxiliares de apoio às salas, uma cozinheira, uma ajudante de cozinha, e duas empregadas de limpeza). A instituição conta também com uma atividade associativa como a música tanto para a creche como para o pré-escolar.

Nesta instituição as salas são dirigidas por uma Educadora e acompanhadas por uma ou duas auxiliares de ação educativa dependendo da valência. O berçário é a única valência da instituição que não tem uma educadora presente, esta é constituída apenas por duas auxiliares de ação educativa.

Grupo de Crianças da Creche

O grupo da Sala II era constituído por dezoito crianças, com idades compreendidas entre os 12 meses e os 36 meses, sendo que oito crianças eram do sexo masculino e dez do sexo feminino. Este era também um grupo heterogéneo. No entanto, havia uma criança referenciada com Necessidades Educativas Especiais, estando diagnosticada com uma perturbação do espetro do autismo.

No geral o grupo da Sala II era um grupo bastante afetuoso e desafiante, não pelas suas características individuais, mas também pelas suas intervenções e forma de agir nos diversos momentos da rotina. Isto é, era um grupo, que apesar de por vezes se encontrar agitado, também demonstrava ser curioso.

Organização e Utilização dos Espaços e dos Materiais

A Educadora organizava o ambiente educativo consoante as necessidades e interesses das crianças, fazendo com que a Sala II (espaço onde estagiei) se tornasse num espaço mais flexível, pois era possível ser alterado sempre que a equipa pedagógica considerasse necessário e pertinente. Isto porque, as crianças não deixam de estar em constante desenvolvimento e aprendizagem, apresentando, por vezes, interesses e necessidades diferentes ao longo do tempo. De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, 30 de agosto, o Educador de infância “concebe e desenvolve o currículo através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”. Desta forma, cabe sempre ao Educador, sendo uma responsabilidade sua, organizar um ambiente educativo que seja adequado ao grupo de crianças que tem a seu cuidado.

“Um ambiente físico bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais” (Post & Hohmann, 2011, p. 101), por isso deve ser construído um espaço agradável “onde os adultos observam, valorizam e apoiam as ações, as escolhas e as ideias das crianças” (Post & Hohmann, 2011, p.101).

As intencionalidades educativas da Educadora subjacentes à organização do ambiente educativo consistem na organização de um espaço acolhedor, apelativo e promotor de experiências significativas e de interações sociais. Procura e pretende também criar um espaço amplo que irá permitir à criança movimentar-se livremente pela sala, aprender com todo o seu corpo e sentidos através de uma aprendizagem ativa.

Na disposição e organização dos móveis que compõe a Sala II, a Educadora pretende mantê-los juntos às paredes de forma a criar um espaço mais amplo para o grupo, mas pretende também que esta estrutura apoie os diferentes momentos da rotina diária, visto que a Sala II é simultaneamente sala de refeição, de repouso e de higiene, precisando de mobiliário de apoio a esses mesmos momentos. O fraldário é um móvel com gavetas identificadas respetivamente com o nome de cada criança e serve de apoio ao momento de higiene. As mesas que se encontram na Sala II auxiliam o momento das refeições e ao mesmo tempo servem como apoio às atividades e explorações das crianças e os catres apoiam o momento do repouso.

A sala dispõe de móveis à altura dos adultos onde são guardados alguns materiais de apoio à prática pedagógica. São também visíveis na sala alguns móveis que servem para colocar brinquedos e materiais acessíveis ao grupo de crianças. “A mobília à medida dos bebês e das crianças ajuda a criar um ambiente que as crianças conseguem gerir sozinhas, embora a ajuda do adulto seja sempre necessária.” (Post & Hohmann, 2011, p.110).

Na Sala II é também possível encontrar uma porta e mais duas janelas junto do fraldário e da casinha, com vista para o exterior, as quais permitem a entrada de luz natural. “É importante que o espaço tenha muitas janelas acessíveis para as crianças poderem espreitar o mundo exterior, que geralmente acham cativante” (Post & Hohmann, 2011, p.116). Esta porta de que falo ao longo do parágrafo, é uma porta de acesso ao espaço exterior circundante à instituição e ao parque infantil da creche que merece destaque pois como afirmam Post & Hohmann, (2011) “(...) se possível, todo o espaço interior destinado a crianças até aos 3 anos deveria ter acesso à área do exterior” (p.106).

Relativamente à diversidade dos brinquedos que compõe da Sala II é possível constatar que existem brinquedos de plástico, de papel, de madeira e de pano. Assim, as crianças têm à sua disposição: livros de cartão, plástico e papel; jogos de encaixe de plástico; carrinhos com várias dimensões; animais de plástico; bebês de brincar; cama para os bebês de brincar; brinquedos sonoros; brinquedos da área da casinha – cozinha, utensílios de plástico; puzzles de encaixe; e vários ficheiros de diversos temas (frutos do outono; folhas e árvores do outono; os diferentes formatos existentes das folhas, entre outros) plastificados. Segundo Cairuga:

Interagindo com esses materiais, as crianças dessa faixa etária apresentam as suas primeiras condutas pré-simbólicas que iniciam a partir de condutas sensório-motoras e práticas relacionadas às ações de jogar, revirar, bater, empilhar objetos, ou a partir de condutas mais avançadas de imitação de cenas do cotidiano, como aquelas ligadas ao banho, à alimentação e ao sono (os bebês gostam de dormir, tomar banho, alimentar-se, fazer comidinhas, andar de carro, etc) (p.161-162).

A sala contém também alguns materiais que auxiliam os desafios lançados e possibilitam à Educadora utilizá-los com o grupo, tais como: folhas brancas A4 e A3, tintas de variadas cores; pincéis; marcadores; lápis de cor; lápis de cera; cola; arcos; túnel de brincar; bolhas de sabão; balões; entre outros.

A área da expressão plástica nesta sala de creche não era uma área definida, ou seja, devido à situação pandémica a ultrapassar ao longo deste ano letivo (2021) foi obrigatório retirar certos materiais do alcance das crianças, fazendo com que as mesmas não tivessem a oportunidade de experienciá-los e a área em questão foi uma das áreas mais afetadas. Contudo, era também um grupo de crianças que não demonstrava muito interesse e iniciativa perante esta área e os seus materiais, só quando eram solicitados para tal como uma atividade planeada pela Educadora ou pela estagiária, como aconteceu. Isto é, a meu ver, como esta área não era uma área definida, ou seja, não havia o seu “cantinho”, as próprias crianças da sala II esqueciam-se da mesma, esta só se tornava visível quando havia algo planeado. Foi a partir desta minha observação que decidi abordar e trabalhar mais este tema da expressão plástica, fazendo com a mesma fosse mais notada na sala. Pois, posso salientar que no decorrer da minha atividade planeada com o grupo de crianças da sala II, a maioria demonstrou interesse, alegria, vontade, empenho e vontade de repetir, o que acabou por ser muito gratificante para mim.

Organização Temporal da Vida na Sala e na Instituição (Rotina e Rotinas)

1. Acolhimento

Dá-se início ao acolhimento com a chegada das crianças à Creche a partir das 7 horas e 15 minutos.

O acolhimento é a ocasião do dia em que a criança faz a passagem do meio familiar para o contexto de Creche, pelo que o Educador tem de certificar-se que existe um acolhimento sereno, de forma a transmitir segurança e firmeza à criança, bem como asseguram Post & Hohmann (2011):

As boas-vindas calorosas e descontraídas por parte dos educadores ajudam os bebés e as crianças a terem a certeza de que, mesmo que os pais tenham de se ausentar, eles estão nas mãos de pessoas em quem poderão confiar e que os irão respeitar e deixá-los em segurança até que os pais os venham buscar (p. 210).

2. Momento da Manhã

O momento da manhã, é onde a Educadora reúne com o grupo de crianças. Este momento ocasiona às crianças a oportunidade de estarem em grupo, de ouvir as outras crianças, de observar, tocar e partilhar o que pode revelar-se de grande importância, pois “O tempo em grande grupo ajuda as crianças a construir um repertório de experiência partilhadas a que podem recorrer quando brincam ou comunicam num estilo de dar-e-receber durante os outros momentos do dia” (Post & Hohmann, 2011, p.280).

3. Atividades Orientadas

As atividades orientadas são sugeridas pela Educadora, ou seja, é o momento em que a mesma busca lançar desafios que levem a criança a explorar novos materiais e a ter novas experiências enriquecedoras de acordo com os propósitos educativos que lhe estão implícitos.

4. Atividades Espontâneas ou Brincadeira Livre

A Educadora define como atividades espontâneas ou brincadeira livre as brincadeiras que sejam criadas por iniciativa da própria criança quando esta explora o espaço e os materiais com todo o seu corpo e sentidos. Estes são momentos em que “O tempo de escolha livre consiste num período de tempo em que bebês e crianças podem investigar e explorar materiais e ações e interagir com os seus pares e educadores” (Post & Hohmann, 2011, p.249). À medida que as crianças interagem com os seus pares, com os Educadores e com o meio que as envolve “constroem conhecimento sobre representação, movimento, comunicação, objetos, primeiras noções de quantidade e número, espaço e tempo” (Post & Hohmann, 2011, p.249). As explorações e interações que as crianças fazem vão de encontro aos seus interesses na procura de um par para brincar e nas suas capacidades individuais para explorar o espaço de diferentes formas.

5. Higiene

A higiene é feita na sala, no fraldário e na casa de banho. A higiene acontece ao longo do dia, sempre que é exigido, porém, existem momentos fixos na rotina – depois da refeição, depois do repouso e depois do lanche.

6. Refeição

As refeições na Sala II ocorrem à hora de almoço, pelas 12h00, e à hora do lanche, pelas 15h00. De manhã, após o momento da manhã também há sempre a possibilidade de um pequeno lanche.

7. Repouso

“A sesta proporciona o sono e o descanso necessários para o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Em termos fisiológicos, o sono permite que o cérebro trabalhe no sentido de consolidar as mudanças maturacionais do sistema nervoso central” (Post & Hohmann, 2011, p.241).

Este momento acontece na sala, sendo que por vezes, quando as crianças estão mais ansiosas, é um momento apoiado pelo uso de canções de embalar.

8. Exterior

É o tempo em que a criança é desafiada a explorar outro espaço que não seja a sala e é aqui que pode satisfazer as suas necessidades de correr, movimentar-se e conhecer a natureza. É um momento de extrema importância, pois “Durante o tempo de exterior os bebês e as crianças maiores observam, exploram e brincam sozinhas ou com outras ao seu próprio ritmo e com o seu próprio nível de interesse e de desenvolvimento.” (Post & Hohmann, 2011, p.272).

9. Saída

O regresso às famílias acontece ao final do dia, após as crianças lancharem ou pode ocorrer, ocasionalmente, quando o familiar chega para ir buscar a criança à Creche a qualquer outra hora do dia. É o momento em que a Educadora partilha com os pais como correu o dia da criança, o que fez e como reagiu às diversas situações com que se deparou durante o dia.

Trabalho em Equipa

“A creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. (...) Nela se dá o cuidado e a Educação de crianças, que aí vivem, convivem, exploram, conhecem, construindo uma visão do mundo e de si mesmas, construindo-se como sujeitos” (Oliveira, Mello, Vitória & Ferreira, 2000, p.64).

A criança para se desenvolver e aprender na creche, além de necessitar de um espaço rico com materiais, de uma rotina de cuidados, de atividades de exploração e de tempo livre necessita de uma equipa que a apoie em todos os momentos e explorações e que esteja predisposta a atender às suas necessidades básicas e de afeto. Neste seguimento, é, portanto, fundamental que exista um trabalho em equipa que permita manter na sala “um clima positivo, que apoie e proporcione às crianças oportunidades de aprendizagem com base nos seus interesses e necessidades” (Sarmento, 2016, p.75).

A equipa da Sala II trabalha todos os dias em contínua partilha e de forma estruturada e sólida para facultar a cada criança e ao grupo em geral dias harmoniosos e centrados no seu bem-estar, propagando um ambiente educativo favorável à aprendizagem e desenvolvimento. O envolvimento da equipa é essencial para uma resposta de qualidade na Educação de Infância.

Ao longo do estágio observei que a equipa da Sala II recorre à comunicação oral para partilhar informações sobre as crianças nos tempos de ação. Esta comunicação consente à equipa agir de uma forma organizada visando responder assertivamente às necessidades e interesses das crianças.

Segundo a Educadora, e do que observei presencialmente, não existem tarefas restringidas para cada membro da equipa. Cada pessoa age autonomamente de acordo com aquilo que há para fazer. Esta organização de trabalho em equipa vai ao encontro da gestão de trabalho que a Educadora defende – um trabalho livre e autónomo que permita a cada pessoa agir consoante aquilo que existe para fazer.

A Educadora quando decide realizar uma atividade, quando tem alguma ideia para lançar desafios ao grupo, quando tem de readaptar o espaço partilha essas mesmas ideias

com as auxiliares, consentindo que estas deem a sua opinião e em conjunto organizem essas propostas.

“Os membros da equipa precisam de discutir e de lidar com as suas preocupações individuais sobre o espaço e materiais, horários e rotinas, papéis e responsabilidades, de forma que as suas interações com as crianças e as suas famílias possam refletir o seu mútuo à vontade em vez de tensões não resolvidas. Ao discutir estes temas, a equipa estabelece bases para um ambiente infantil acolhedor” (Post & Hohmann, 2011, p.314).

A Educadora demonstra também ter uma grande confiança no trabalho que as auxiliares realizam quando não está presente, pois permite-lhes lançar desafios às crianças, realizar com elas o momento da manhã e organizar o dia-a-dia das mesmas.

Caracterização da Instituição – Pré-Escolar

A minha prática pedagógica referente ao segundo semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizou-se na Instituição B com uma Educadora Cooperante e com uma Auxiliar de Ação Educativa. Esta instituição é de rede pública e abrange somente uma vertente: o Jardim de Infância, aceitando crianças a partir dos 3 anos de idade.

A Instituição tem apenas um piso que está dividido em várias áreas, bem como: duas entradas distintas para o pré-escolar; de seguida encontra-se a área administrativa; as instalações sanitárias de serviço para os funcionários e para as crianças; duas salas de reuniões; o refeitório para as crianças; a cozinha; as três salas de pré-escolar; uma pequena sala destinada para a hora do almoço dos funcionários da instituição; dois espaços exteriores para o pré-escolar; um ginásio; e, por fim, uma sala destinada para algumas atividades específicas que não poderiam ser concretizadas em sala, devido ao espaço.

Relativamente aos recursos humanos, esta Instituição é composta por uma equipa que se subdivide: o pessoal docente (3 educadoras); pessoal não docente (4 auxiliares de apoio às salas), 1 cozinheira, 1 ajudante de cozinha.

Grupo da Sala Verde

O grupo da Sala Verde era constituído por dezanove crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos, sendo que treze crianças eram do sexo masculino e seis do sexo feminino. Este é também um grupo heterogéneo. Algumas crianças já frequentavam a Instituição B anteriormente. Segundo a Educadora, quatro crianças estavam referenciadas com Necessidades Educativas Especiais – uma diagnosticada com um atraso global do desenvolvimento psicomotor muito grave (paralisia cerebral) e parecia ter alguns problemas de visão; outra criança apresentava perturbação do espectro do autismo com atraso grave da linguagem; uma outra criança mostrava ter perturbação da linguagem expressiva, perturbação da cognição verbal e perturbação dos sons da fala; por fim uma criança tinha perturbação da linguagem expressiva, estando a interação social em caracterização e a agitação motora em vigilância.

No geral o grupo da Sala Verde era um grupo bastante afetuoso, autónomo e participativo. Era também um grupo desafiante, não pelas características individuais de cada um, mas também pelas suas intervenções e forma de agir nos diversos momentos da rotina. Isto é, é um grupo, que apesar de por vezes se encontrar agitado, diz coisas bastante interessantes que podem ser passíveis de desenvolver alguma atividade ou projeto, bem como demonstra ser curioso.

Espaços e Materiais da Sala Verde

O espaço é um dos aspetos mais importantes e essenciais no ambiente educativo, pois a forma como este é organizado e estruturado tem influência nas aprendizagens das crianças bem como nas interações que estas estabelecem com o meio e com os outros. Tal como refere Zabalza (1992) “O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades” (p.120) e, portanto, é necessário que este tenha subjacente intencionalidades educativas e que espelhe as concepções pedagógicas da Educadora e o modelo/os que adota. Por outro lado, é importante perceber que “O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis e como as crianças e adultos interagem com ele são reveladoras de uma concepção pedagógica” (Horn, 2004, p.15). Mas, mais do que intencionalidades o espaço tem de ter significado para as crianças, isto é, “não basta a criança estar num espaço organizado de modo a desafiar as suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente” (Horn, 2004, p.15) uma vez que é onde passa a maior parte do seu tempo. A Sala Verde está organizada de acordo com o Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM) pelo que o espaço foi pensado tendo em conta as características do mesmo. Segundo Folque (2014) as salas que adotam o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna devem ter os materiais organizados em diversas áreas de forma a dar “oportunidades às crianças de experienciar diferentes atividades e de utilizar diversos discursos epistemológicos relacionados com as principais áreas de conhecimento” (p.57). Ao observar a Sala Verde é possível constatar que esta se encontra organizada em oito áreas de interesse distintas, nomeadamente: a área da expressão plástica; a área das ciências; a área das construções; a área da biblioteca; a área do faz de conta; a área da matemática; a área da escrita; e a área dos jogos de mesa.

A **área da expressão plástica** é constituída por diversos materiais que auxiliam as produções das crianças, nomeadamente: lápis de cor, lápis de cera, marcadores, revistas, tintas, folhas brancas, aguarelas, pincéis, cartões, plasticina, entre outros. Apesar de todos os materiais se arrumarem em sítios diferentes na área, encontram-se em sítios de fácil acesso para as crianças o que permite que estas desenvolvam a sua autonomia, o seu sentido de responsabilidade quando os vão buscar e arrumar no sítio. Tal como nos indicam Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) “O conhecimento do espaço e das suas

possibilidades é uma condição de independência e da autonomia da criança e do grupo (...)” (p.26). Nesta área, era observável o grande interesse das crianças em desenhar, pintar principalmente com aguarelas e brincar com plasticina, pelo que o fazem de forma calma e concentrada.

Esta era também uma área pouco solicitada pelas crianças da sala Verde, pois muitos dos materiais também não estavam ao dispor das mesmas. A área em questão significava para as crianças a área da plasticina e dos desenhos feitos a lápis de cor, marcadores ou com aguarelas, os restantes materiais eram postos de parte. Daí ter-me despertado a atenção para realçar um pouco mais a expressão plástica na sala fazendo com que com as crianças soubessem que podiam realizar inúmeros trabalhos diferentes nesta área. Daqui a diante planeei um projeto com o grupo que tinha como intuito estes descobrirem e explorarem a área em questão de forma a vislumbrarem a mesma de uma forma diferente, isto é, abrindo novos horizontes e novos trabalhos.

A **área das ciências** é constituída por alguns materiais que auxiliam tanto as crianças em algumas brincadeiras tanto em atividades ou experiências feitas em grande grupo. Alguns dos materiais que estão ao dispor das crianças são: alguns animais embalsamados, alguns jogos, puzzles, e um planeta Terra feito com vários materiais.

A **área das construções** é constituída por um móvel com cinco caixas em que cada uma está arrumada um material diferente, isto é, numa caixa estão os animais, noutra as peças de encaixe, noutra os carros, noutra as peças de madeira. Esta é também constituída por um tapete e por mais duas caixas individuais que estão localizadas no chão para colocar mais objetos que não cabem nas caixas do móvel. Esta organização tem como intencionalidade subjacente a arrumação dos materiais segundo um critério (classificação) sem que misturem todos numa mesma caixa. Este aspeto permite à criança arrumar as coisas no seu devido lugar, e trabalhar aspetos relacionados com a matemática.

A **área da biblioteca** era composta por um “carrinho” com diversos livros que as crianças podiam explorar livremente. Esta área continha também um sofá e um banco de forma a torná-la mais acolhedora. A área da biblioteca permitia também que as crianças brincassem com fantoches, pois existia uma caixa com diversos fantoches para que estes usufríssem da sua imaginação. É nesta área que as crianças podem ter contacto com livros pois é aí que tal como referem Hohmann & Weikart (1997) “as crianças observam e leem livros, simulam a leitura com base na memória e em pistas visuais contidas nas

imagens, ouvem histórias, inventam e escrevem as suas próprias histórias à sua maneira” (p.202).

A **área do faz-de-conta** permite à criança ter contacto com objetos reais do seu quotidiano (lenços, aventais, roupa, carteiras, malas, entre outros) e com objetos de plástico e metal que representam também o real (panelas, pratos, alimentos, caixas, cesto de compras, entre outros). Esta era uma área que também tinha uma mesa ao centro com três bancos, uma casa de bonecas, uma cama para os bebés, um carrinho para colocarem todos os bebés e bonecas que existiam nesta área, e, por fim, era visível também um cabide para pendurar a roupa, as malas, os aventais e os lenços. Esta organização permite, tal como indicam Hohmann & Weikart (1997) “(...) propiciar um espaço de representação de diferentes papéis sociais, a área da casa permite que as crianças desenvolvam uma imagem coerente do seu mundo imediato” (p.188). Esta era uma área onde as crianças brincavam também de forma cooperada, onde “As crianças têm múltiplas oportunidades para trabalharem cooperativamente, expressarem os seus sentimentos, usarem a linguagem para comunicar sobre os papéis que representam e responderem às necessidades e pedidos umas das outras” (Hohmann & Weikart, 1997, p.188).

A **área da matemática** continha uma mesa, duas cadeiras e uma estante com diversos puzzles, jogos de encaixe, enfiamentos, uma balança e um ábaco que permitia às crianças não só desenvolverem o raciocínio lógico-matemático, como a motricidade fina e a concentração.

A **área da escrita** continha também uma mesa, duas cadeiras e uma estante com vários puzzles, jogos de encaixe, jogos de letras, um quadro de giz, giz, um apagador e um rádio. Nesta área a Educadora introduziu também as letras do abecedário colocando imagens que correspondem a cada letra do abecedário na parede para que as crianças possam desenvolver a escrita.

A **área dos jogos de mesa** era uma área que continha uma estante com imensos puzzles e jogos de encaixe, que por motivos de força maior, Covid-19, se manteve fechada durante o ano letivo.

A Sala Verde dispõe de uma **zona central** composta por mesas que apoiam os momentos de grande grupo como a reunião da manhã, mas também servem de apoio às atividades que são realizadas em pequeno grupo ou individualmente. Estas mesas também costumam servir de apoio à área da expressão plástica.

A maioria dos materiais presentes na sala encontravam-se acessíveis às crianças, o que lhes permitia serem autónomas durante o tempo em que passavam na sala a realizar projetos ou a brincar. Relativamente à disposição e organização dos móveis que compõe a sala, estes estão colocados de forma a apoiar as áreas existentes, ou seja, que delimitem uma área da outra. Existe também uma estante e um armário que servem de apoio à área da expressão plástica.

As intencionalidades educativas da Educadora, subjacente à organização do ambiente educativo consiste na organização de um espaço em que as crianças possam desenvolver-se a nível pessoal e social, isto é, assenta “no reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo, cuja identidade única se constrói em interação social, influenciando e sendo influenciada pelo meio que a rodeia” (Silva, Marques, Rosa & Mata, 2016, p.33). Desta forma, a Educadora pretendia criar um espaço promotor de interações sociais e de experiências significativas para o grupo de crianças. “Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com os seus pares, é fundamental o planeamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupo diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor”. Procura também criar um espaço que contribua para autoestima e bem-estar das crianças, bem como, que enfatize a vida democrática, tendo em conta que “As três finalidades do MEM se centram no desenvolvimento pessoal e social de professores e alunos enquanto cidadãos ativos e democráticos (...)” (Folque, 2014, p.51).

Os **instrumentos de regulação** adotados pela Educadora encontravam-se afixados nas paredes da sala à altura das crianças, uma vez que orientavam e regulavam a vida do grupo, isto é, “estes instrumentos ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear e avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo) na sala constituindo-se como “informantes da regulação formativa” (Niza, 1996 cit. Folque, 2014, p.55). Os instrumentos presentes na sala eram os seguintes:

O **mapa do tempo** é um quadro mensal onde as crianças registam através do desenho o estado do tempo.

O **mapa das presenças** é também um mapa mensal em que é preenchido todos os dias de manhã assim que cada criança vai entrando na sala.

O **plano diário e o plano semanal** têm como intencionalidade ajudar o grupo a planificar o seu dia, isto é, são um instrumento de registo que vão orientando o trabalho ao longo do dia e da semana. Esta intencionalidade enquadra no conceito que “Planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagens” (Niza, 2018, p.14).

Rotina Diária da Sala Verde

“A rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela Educação Infantil estruturam para, a partir dela desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil” (Barbosa, 2006, p.35) sendo que é um dos aspectos mais importantes do ambiente educativo, pois a forma como está organizada e estruturada, a flexibilidade e a estabilização da mesma vão ter influência no bem-estar da criança. Tal como refere Niza (2018) “a estabilização de uma estrutura organizativa, uma rotina educativa proporciona a segurança indispensável para o investimento cognitivo das crianças” (p.12). A rotina diária da sala Verde era gerida de acordo com o Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna, no entanto era adaptada a diversas atividades de enriquecimento curricular.

O acolhimento das crianças da Sala Verde à Instituição B iniciava-se pelas 9h15. A partir das 9h30 a Educadora dava início à reunião da manhã com o grande grupo, onde conjuntamente planeavam o dia ou a semana (plano do dia ou plano da semana) e faziam as suas partilhas. A Educadora ao desenvolver este momento todos os dias proporcionava ao grupo “um tempo rico e favorável ao desenvolvimento da linguagem, pois os autores são interpelados pelos colegas e têm de explicar claramente o que querem partilhar com o grupo” (Niza, 2008, p.13). A seguir ao acolhimento das crianças ao jardim de infância e à posterior reunião da manhã é dado o lanche da manhã a cada criança.

Após este momento e consoante o dia da semana o grupo tem atividades de enriquecimento curricular ou atividades e projetos. De segunda-feira a quinta-feira a semana é dedicada a realizar atividades ou projetos. A sexta-feira inicia-se com atividades e projetos também, e só a partir das 10h10 é que as crianças têm a atividade de enriquecimento curricular, nomeadamente Educação Física.

Nos momentos de atividades e projetos as crianças podem brincar nas áreas ou realizar projetos, consoante a escolha dedicam o seu tempo a esse fim. Quando decidem brincar nas áreas têm de se organizar, uma vez que ficou definido que só podem estar algumas crianças por áreas, dependendo da área escolhida.

Quando decidem realizar projetos, dão continuidade a algum que esteja por terminar ou dão início a um novo. Os projetos são previamente definidos pelas crianças, sempre com o suporte da Educadora, pois, “esta organização é fundamental para que o

projeto dê frutos, uma vez que visa desde início atingir um objetivo muito bem definido” (Niza, 2018, p.24).

A seguir a esta parte da manhã o grupo vai brincar para o espaço exterior, de seguida realiza a higiene e sucede-se o momento da refeição – almoço.

Depois de terminarem a refeição as crianças dirigem-se para a casa de banho para realizarem a higiene e de seguida dirigem-se para o espaço exterior novamente. A partir das 13h30 regressam à sala e esperam que a Educadora chegue, por volta das 14h15. Durante este tempo as crianças acabam por ir brincar para as áreas, fazem desenhos ou ficam a ouvir uma história ou filme através do computador da sala. Por volta das 15h00 o grupo dirige-se para a mesa central da Sala Verde para lancharem.

A seguir ao lanche sucede-se o momento da saída, onde o grupo forma um comboio à porta da sala.

Trabalho em Equipa

A criança para se desenvolver e aprender no jardim de infância necessita de uma equipa pedagógica estável que a apoie em todos os momentos do seu dia, seja a nível das suas necessidades básicas e de afeto, seja nas suas explorações e aprendizagens. É, portanto, fundamental que exista um trabalho de equipa que permita manter na sala “um clima positivo, que apoie e proporcione às crianças oportunidades de aprendizagem com base nos seus interesses e necessidades” (Sarmiento, 2016, p.75). A equipa da Sala Verde é constituída por uma Educadora e por uma Auxiliar de Ação Educativa que trabalham diariamente em constante partilha e de forma organizada e consistente para proporcionar a cada criança e ao grupo em geral dias centrados no seu bem-estar e desenvolvimento.

Um dos aspetos que considero fundamentais no trabalho de equipa é o carácter reflexivo, isto é, a reflexão conjunta sobre o que acontece na sala de forma a melhorar a prática educativa. Tal como refere Morgado (2011) é importante que os elementos de uma equipa “(...) reflitam conjuntamente sobre o que fazem, como fazem e porque é que o fazem” (p.805) pois só dessa forma é que vão poder melhorar a resposta educativa dada às crianças. De acordo com a Educadora o trabalho é estruturado e organizado com a auxiliar no decorrer dos dias, isto é, partilha o que pensa fazer na semana seguinte ou no próprio dia de forma que a auxiliar esteja informada e possa dar a sua opinião e possíveis sugestões, e principalmente de forma a organizarem a semana e o dia conjuntamente.

A Educadora demonstrou que dá voz à auxiliar e que aceita as suas sugestões, um dos aspetos mais importantes para o trabalho em equipa ser um trabalho cooperado, sabendo que “Ao colaborarem, os elementos da equipa obtêm reconhecimento, um sentimento de trabalho bem-sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (Hohmann & Weikart, 2011, p.131).

É possível constatar que os elementos de uma equipa aprendem quando partilham, aprendem uns sobre os outros, aprendem sobre o grupo que tem a seu cuidado e aprendem a melhorar a sua prática.

O trabalho que diz respeito à equipa educativa não engloba somente as Educadoras e as Auxiliares, é necessário também ter em consideração todas as pessoas que trabalham na instituição, desde a auxiliar da cozinha até à responsável pela intervenção precoce. Na

Sala Verde existem quatro crianças referenciadas com Necessidades Educativas Especiais (NEE), pelo que uma vez por semana a docente de Educação Especial está na sala e observa e participa no trabalho que está a ser desenvolvido.

Intervenções

I. Intervenção em Creche

Em primeiro lugar e com o intuito de facilitar a minha orientação e o seguimento da atividade optei por elaborar uma planificação da atividade que queria concretizar (Anexo 1). A mesma teve início a dia 22 de junho de 2021 e uma duração de mais ou menos quarenta minutos. Para a sua concretização e como é explícito na planificação elaborada foi necessário prever alguns recursos, tais como:

Recursos Humanos – crianças, estagiária, educadora e a auxiliar

Recursos Materiais – livro “De que cor é um beijinho?”, folhas A4 papel manteiga, tintas, cotonetes e elásticos

Recursos Espaciais – sala e a mesa central

A intervenção iniciou-se com a leitura de uma história, “*De que cor é um beijinho?*” de Rocio Bonilla (Anexo 2), na Sala II. A leitura da história foi escutada pelo grupo de crianças da Sala II da Creche, bem como pela equipa pedagógica da mesma. Eu positionei-me no centro da mesa central que se encontra na Sala II, para que todas as crianças ao se sentarem nas restantes cadeiras em volta pudessem ver com clareza o livro, as ilustrações e o texto, enquanto a equipa da sala permaneceu atrás das crianças também sentadas. É de referir que esta intervenção partiu do interesse das crianças, visto que, as mesmas demonstravam gostar mais deste tipo de atividades de exploração.

Nota de Campo:

Estagiária: Após a leitura da história vamos realizar uma atividade com cotonetes, o que acham? Querem?

Grupo de crianças: Sim!

M: Sim, e faz sentido porque os cotonetes são muito fofinhos como os beijinhos

De que cor é um beijinho? de Rocio Bonilla, é um livro que percorre um mundo de emoções à procura da cor de um beijinho. Ao longo do livro, a personagem principal, Mónica, vai tentando descobrir e fazer algumas associações divertidas nas quais todas as crianças se poderão rever.

Em seguida e em pequenos grupos de três elementos iam concretizando a atividade de exploração que consistiu em cada elemento do grupo ter consigo uma folha A3 de papel manteiga, um molhinho de cotonetes, três pratos, tintas de variadas cores e elásticos para segurar os cotonetes (Anexo 3). Depois, cada criança aleatoriamente escolhia uma cor que constava no prato e calcava com os cotonetes na folha A3 de papel manteiga, livremente e como entendiam (Anexo 4). É de salientar que enquanto um grupo de três elementos realizava a atividade, as restantes crianças circulavam pela sala a brincar.

Quero destacar as intencionalidades que considerei importantes na concretização desta intervenção:

- Adquirir a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades;
- Desenvolver algumas capacidades expressivas e criativas através das produções plásticas e experiências;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Desenvolver a noção de espaço;
- Promover a imaginação e a criatividade;
- Promover a leitura;
- Promover o desenvolvimento pessoal como intelectual da criança;
- Ampliar o conhecimento;
- Enriquecer o vocabulário.

Após destacar as minhas intencionalidades também quero fazer sobressair algumas das dificuldades, estratégias e aspetos a melhorar sentidos por mim ao longo da atividade:

Dificuldades sentidas:

- Dificuldade em captar toda a atenção do grande grupo durante a leitura da história
- Dificuldade em anotar algumas notas de campo

- Dificuldade em adquirir alguns registos fotográficos

Estratégias e aspetos a melhorar:

- Melhorar a minha presença/prestação/confiança em grande grupo
- Realizar mais notas de campo
- Realizar mais registo fotográficos

Ao fazer um balanço global sobre a intervenção, reflito que esta decorreu como o esperado e de forma bastante positiva. O grupo de crianças aderiu bem à atividade e penso que tenha sido bom concretizar a atividade em pequenos grupos de dois ou três elementos. É também de ressaltar alguns/as aspetos/competências a desenvolver com as crianças relativamente a esta atividade desenvolvida, tais como: a criatividade; a imaginação; a responsabilidade; a tomada de decisões; a expressão plástica; a motricidade fina; e a noção de espaço.

II. Intervenção em Pré-Escolar

Antes de dar início a esta intervenção, concretizei, tal como na intervenção anterior, uma planificação do projeto para facilitar a minha orientação e seguimento da mesma (Anexo 5). Esta intervenção teve uma duração de cinco dias. Para a sua concretização e como é explícito na planificação foi necessário prever alguns recursos, tais como:

Recursos Humanos – crianças, estagiária, educadora e a auxiliar

Recursos Materiais – livro “O Ponto”, folhas papel brancas A4, tintas de variadas cores, aguarelas, pincéis, água, recipientes para a água, telas, computador, cartolinas, revistas e catálogos, tesouras, colas

Recursos Espaciais – sala Verde

O projeto surgiu por iniciativa do grupo de crianças, pois a área da expressão plástica da sala Verde só era conhecida como a área da plasticina e em conjunto ficou decidido melhorar esta área em questão, para que a mesma deixasse de ser conhecida só como a área da plasticina (Anexo 6).

Nota de Campo:

Estagiária: O que é a arte?

V: São aqueles quadros que estão nos museus

L: São os trabalhos e os desenhos que fazemos aqui na escola

R: São os desenhos que os artistas fazem

Em primeiro lugar, em pequenos grupos, fomos até à área da expressão plástica. Comecei por dizer para estes olharem para a área e analisarem a mesma com o intuito de conseguirem identificar quais os materiais que lá existiam e que não eram usados e quais os materiais que faziam falta a esta área no sentido de dar mais vida à mesma e que despertasse mais a atenção das crianças para realizar outros trabalhos e atividades. Posteriormente, tomou-se a decisão de elaborar dois cartazes em cartolina. Um cartaz com o que existia em sala na área da expressão plástica e o outro cartaz com os materiais que o grupo de crianças da sala Verde gostaria que houvesse em sala ao seu dispor. Para concluir o trabalho efetuado foi necessário o auxílio de algumas revistas e catálogos disponíveis em sala, no sentido de pesquisar, recortar e colar. Os cartazes foram realizados em pequenos grupos, onde ao fim de um determinado tempo davam lugar a outras crianças. Estes mesmos cartazes, após a sua conclusão foram expostos numa parede da sala (Anexo 7), pois estas servem como “expositores permanentes das produções das crianças onde rotativamente se reveem nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria ou texto.” (Niza, 2013, p. 151).

Nota de Campo:

R: Podemos pedir ajuda aos pais para comprarem todos os materiais que não temos na nossa área da expressão plástica e que gostaríamos de ter? Assim fazemos mais trabalhos e muito mais giros com estes materiais novos e diferentes.

No dia seguinte, dirigimo-nos para a área da expressão plástica, tentando encontrar na sala alguns dos materiais que o grupo decidiu que gostaria de colocar ao seu dispor

para outras atividades, por isso, acrescentou-se três caixas com afixos, tesouras e colas. As caixas foram pintadas de variadas cores e devidamente identificadas com o nome do objeto correspondente. É de destacar o entusiasmo das crianças ao concretizarem o projeto, sabendo que estavam a participar na alteração daquela área da sala e que ao mesmo tempo estavam a melhorá-la para que posteriormente pudessem utilizar.

Em seguida, concentrámo-nos na zona do tapete da sala para a leitura de uma história escolhida por mim. A história tinha como título *O Ponto* de Peter H. Reynolds (Anexo 8). Este livro fala-nos de uma menina que, motivada pela sua professora de desenho, enceta uma viagem artística e de autoconfiança através de uma simples marca – um pequeno ponto.

Após a conclusão da leitura da história, e em grande grupo, cada criança elaborou um desenho a partir do ponto chave da história – um pequeno ponto – e deram asas à imaginação e criatividade (Anexo 9). É de salientar que ao longo da concretização deste desenho, colorido depois com aguarelas, algumas crianças tiveram alguma dificuldade em concentrar-se na mensagem da história, contudo, após algumas indicações conseguiram finalizar.

No dia seguinte, o grupo de crianças foi dividido em três grupos, que no computador da sala pesquisou vários quadros de diversos artistas de renome. É importante que as crianças tenham a possibilidade de fazer uma análise de uma obra de arte

A “familiaridade com a obra de arte e as experimentações plásticas facilitam o desenvolvimento de atitudes analíticas. À medida que a criança conhece as diferenças e observa os pormenores das obras, discrimina estímulos variados, associa ideias e ensaia respostas. Este processo possibilita a fluidez do pensamento, exercita a sensibilidade estética e desperta a vontade de comunicar expressivamente no âmbito das artes plásticas.” (Gonçalves & Fróis & Marques, 2002, p. 16).

Nota de Campo:

Estagiária: Conhecem algum artista?

D: Aqueles que têm quadros nos museus?

Estagiária: Sim

D: Não, mas gostávamos de conhecer

Esta pesquisa teve como objetivo retirar algumas ideias para também elaborarem um “quadro” que pudesse ser colocado num museu ou numa exposição. Depois da pesquisa cada grupo dirigiu-se para a mesa correspondente, onde com as tintas de diversas cores, pincéis e uma tela, deram início à pintura do seu quadro. Nesta parte do projeto não dei qualquer indicação, quis que cada grupo se entendesse, comunica-se e que conseguissem trabalhar com as diferentes formas que cada um tem de trabalhar e de se expressar. Posso destacar que correu bastante bem (Anexo 10).

Nota de Campo:

Estagiária: Acham que agora conseguem realizar um quadro digno de estar num museu?

A: Claro, nós somos uns artistas

C: Sim, é só fazermos como a personagem da história diz

G: Sim, é só desenharmos pontos, retas, círculos e muitas outras coisas

Na concretização desta atividade tiveram subjacentes algumas intencionalidades que quero evidenciar:

- Desenvolvimento do respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa perspetiva de partilha e de responsabilidade;
- Aquisição da capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades;
- Desenvolvimento de capacidades expressivas e criativas através de experiências bem como de produções plásticas;
- Desenvolvimento da motricidade fina;
- Desenvolvimento da noção de espaço;
- Promoção da criatividade e da imaginação;
- Desenvolvimento da compreensão de mensagens orais;
- Cooperação com os outros colegas no processo de aprendizagem;
- Compreensão de que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação;
- Promoção da leitura;

- Promoção do desenvolvimento pessoal e intelectual da criança;
- Ampliação do conhecimento;
- Enriquecimento do vocabulário.

É de extrema importância também após a execução de uma atividade refletir sobre quais as dificuldades sentidas, as estratégias e os aspetos a melhorar, por isso decidi destaca-los:

Dificuldades sentidas:

- Gerir o grupo, uma vez que, todas as crianças queriam participar em todas as etapas do projeto aos mesmo tempo
- Gerir o tempo de cada um, por exemplo, na etapa da elaboração dos cartazes, do recorte e da colagem, fazendo com que todos experienciassem esta fase
- Gerir o grande grupo
- Dificuldade em anotar algumas notas de campo
- Dificuldade em adquirir alguns registos fotográficos

Estratégias e aspetos a melhorar:

- Realizar mais notas de campo
- Realizar mais registo fotográficos
- Gerir o grande grupo

Ao refletir sobre o projeto é de salientar o balanço positivo que faço, visto que, foi uma intervenção bem planeada, onde pude contar com todo o apoio da equipa pedagógica da Sala Verde e também com todo o grupo de crianças da mesma, sendo a etapa favorita das crianças a pintura das telas. Posso referir que me surpreendeu bastante a adesão do grupo à atividade, a conclusão da mesma e o planeamento, visto que, até aos dias de hoje ainda não tinha sido possível realizar um projeto deste com várias etapas. Por isso, considero também essencial desenvolver com as crianças certas competências, bem como: a criatividade; a responsabilidade; a expressão plástica; a noção de espaço; a imaginação; a tomada de decisões; e a motricidade fina. Ao ter dado por concluído este projeto, senti que o retorno foi muito maior do que o esperado, superou as minhas expectativas.

Considerações Finais

Este relatório teve como objetivo principal explorar a importância da expressão plástica na creche e no jardim de infância, analisando o seu impacto no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das crianças. Ao longo deste estudo, observei que a expressão plástica desempenha um papel fundamental no processo educativo das crianças nesta faixa etária, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecedor e estimulante.

Uma das descobertas mais significativas desta pesquisa foi a maneira como a expressão plástica pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade das crianças. Por meio de atividades artísticas, como o desenho, a pintura, a modelagem e a colagem, as crianças têm a oportunidade de explorar diferentes materiais, cores e formas, exercitando a sua imaginação e expressando as suas emoções de forma não verbal. Esta liberdade criativa permite que as mesmas desenvolvam habilidades de resolução de problemas, pensamento divergente e autoexpressão, competências essenciais para o seu crescimento pessoal e acadêmico.

Além disso, verifiquei que a expressão plástica também desempenha um papel fundamental na construção da identidade e na formação da autoestima das crianças. Ao criar as suas próprias obras de arte, elas têm a oportunidade de se expressar, comunicar as suas ideias e sentimentos, e desenvolver uma sensação de autenticidade e pertencimento. Através da valorização e do reconhecimento das suas produções artísticas, as crianças adquirem confiança nas suas habilidades e sentem-se encorajadas a explorar novas formas de expressão.

O presente relatório também destaca a importância do papel do educador no estímulo e no apoio à expressão plástica nas instituições de educação infantil. Os profissionais que trabalham na creche e no jardim de infância desempenham um papel crucial ao criar um ambiente propício à expressão artística, oferecendo materiais adequados, incentivando a exploração e a experimentação, e valorizando as produções das crianças. Esta abordagem pedagógica centrada na criança promove o desenvolvimento integral, estimula a autonomia e a capacidade de tomar decisões, além de fortalecer a relação entre o educador e o aluno/criança.

Apesar dos benefícios evidentes da expressão plástica na creche e no pré-escolar, é importante ressaltar a necessidade de fornecer recursos adequados e promover formação contínua para os profissionais da educação. Investimentos em materiais artísticos de

qualidade, espaços adequados para a prática da expressão plástica e capacitação dos educadores são fundamentais para garantir a efetividade desta abordagem educativa.

Em suma, esta investigação ressalta a importância da expressão plástica como uma ferramenta essencial no desenvolvimento integral das crianças tanto na creche como no jardim de infância. Através das atividades artísticas, as crianças têm a oportunidade de explorar, criar e de expressar-se, fortalecendo as suas habilidades cognitivas, emocionais, sociais e motoras. A expressão plástica contribui para a construção de uma aprendizagem significativa e prazerosa, estimulando a criatividade, a autoestima e a autonomia das crianças, e promovendo um ambiente educativo enriquecedor. É fundamental que educadores, gestores e responsáveis pela educação infantil reconheçam a importância destas práticas e trabalhem em conjunto para garantir a valorização e a promoção da expressão plástica nas instituições de educação infantil.

Ao longo destes anos consegui adquirir conhecimentos permitindo aplicá-los no âmbito dos estágios realizados, desenvolvendo assim a minha identidade profissional enquanto Educadora de Infância.

Em ambos os casos de estudo analisados, consegui destacar diferentes características dos dois grupos de crianças, observar as suas ações e das equipas pedagógicas que os acompanhavam e deste modo obter duas trajetórias distintas e poder compará-las entre si.

Neste sentido posso acrescentar que os estágios têm como objetivo essencial proporcionar uma melhor compreensão de um determinado caso e ajudar a articular hipóteses de trabalho sobre o grupo de crianças ou a situação em questão (Ponte, 2006, p.16) de forma a não generalizar as metodologias aplicadas em cada caso.

Deste modo, faço uma reflexão sobre a minha trajetória pelos estágios de investigação, na sala de creche (sala 2) da Instituição A e na sala de educação pré-escolar (sala verde) da Instituição B. Irei também analisar e referir as dificuldades que nutri na elaboração e concretização das atividades desenvolvidas, bem como também as escolhas que tomei para superá-las, algumas com o auxílio da equipa pedagógica de ambas as salas. De acordo com Portugal (2002, citada por Matias & Vasconcelos, 2010, p.20), o “tipo de comunicação que acontece no seio de uma relação de supervisão parece ser o elemento que contribui na maioria das vezes para o sucesso da formação. Uma comunicação clara, aberta, baseada em expectativas positivas, respeito e confiança, flui livremente em ambas as direções. Este tipo de comunicação pode ser visto como um modelo para a

comunicação entre profissionais de educação, a todos os níveis, entre profissionais de educação e pais, entre profissionais de educação e crianças, ao permitir o estabelecimento de uma base de confiança.”.

A equipa pedagógica dos dois contextos de estágio demonstrou sempre estar disponível para me ajudar e apoiar no decorrer da minha intervenção, bem como também inicialmente enquanto estava simplesmente a observar e a retirar notas sobre os distintos grupos e salas. É de referir o quão importante foi poder retirar alguns apontamentos respetivamente ao trabalho de ambas as Educadoras antes de dar início a qualquer atividade planeada por mim, pois, assim consegui observar a reação das crianças relativamente a certas intervenções e supor como estas iriam reagir a demarcadas situações ou estímulos.

No que diz respeito aos locais onde me encontrei a estagiar e a ambos os grupos de crianças com que interagi, faço um balanço bastante positivo. Posso salientar que o facto de já conhecer o sítio onde se realizou o meu estágio de pré-escolar, local que frequentei em criança, colocou-me um pouco mais à vontade a nível de sala e de instituição. Penso que me tenha dado mais confiança para iniciar esse percurso.

Sendo o tema do meu projeto de intervenção direcionado para a expressão plástica no contexto de sala de creche e de pré-escolar, uma das primeiras observações com que me preocupei quando entrei em ambas as salas, foi procurar a área da expressão plástica e examinar qual a relação/interação das crianças com essa mesma área e também com os materiais que estavam ao seu dispor.

Destaco que nos primeiros dias apenas analisei ambos os grupos a interagir no seu meio habitual. Isto é, na sua maioria, os grupos preferiam explorar e vivenciar as outras áreas que constituíam a sala e muito poucas ou quase nenhuma (no caso da creche) exploravam a área da expressão plástica. No decorrer da minha observação pude apurar que sem intermediação da equipa da sala, na elaboração e concretização de alguma atividade em que tivessem que usar a mesma, unicamente três crianças, mais ou menos, exploravam a área de livre e espontânea vontade na sala de pré-escolar e na sala de creche somente uma explorava a área, de forma espaçada na semana.

Enquanto futura Educadora, nutro que a área da expressão plástica é deveras essencial e relevante na primeira infância e que essa interação, frequente, haveria de ser mais estimulada. Posto isto, atentei que conseguia estimular as crianças a mudar e

beneficiar a sua área da expressão e, ao mesmo tempo, a sua motivação para que houvesse um maior interesse em trabalhar e explorar a área em questão. Com isto, desejei desenvolver na criança a autonomia, para que a mesma possa utilizar, por exemplo e como aconteceu na sala de pré-escolar, a área sozinha sem ter que solicitar o apoio do adulto, tal como faz em outras áreas da sala. Os Educadores devem manter e despertar “a autonomização e responsabilização de cada educando no grupo de educação cooperada.” (Niza, 2013, p. 158).

Quando sugeri a atividade ao grupo de crianças da creche, aguardava que este estivesse todo disposto para participar e quando isso não se sucedeu, deparei-me logo com o meu primeiro obstáculo, supondo que a atividade não iria funcionar. Neste momento, posso referir que desmotivei um pouco, mas logo esse sentimento se modificou assim que preparei a atividade e comecei a ver algumas crianças a dirigirem-se para a mesma. Com isto, compreendi que nem sempre todos têm que estar a produzir o mesmo, que devem ter essa seleção de escolha e que é relevante para a criança saber o que deseja ou não fazer e é também essencial o adulto saber honrar essas preferências, pois cada criança é irrepetível e tem os seus interesses. Como futura Educadora, foi verdadeiramente marcante entender que nem sempre tudo corre como expectável e temos que saber ajustar-nos às circunstâncias. Neste caso, as crianças que tencionaram participar permaneceram comigo e as restantes foram explorar as outras áreas da sala com o controlo da equipa pedagógica.

Com este estudo, quis, numa primeira etapa estudar, analisar e observar a conexão entre os comportamentos das crianças e a forma como os equipamentos e materiais encontravam-se estruturados na área da expressão plástica e **qual era a sua aderência**. Foi relevante a observação no decorrer das primeiras semanas pois assim possibilitou-me ver as crianças a atuarem genuinamente dentro da sala e a desfrutarem das áreas livremente, sem que tivessem a intromissão do adulto. Foi no período da brincadeira livre, em que a criança pode eleger a área que planeia ir brincar/explorar que reparei que a área da expressão plástica não era a mais solicitada, muito pelo contrário era das menos requisitadas. Para poder ter uma melhor visão fui assinalando no diário de bordo (notas de campo) a quantidade de crianças que investigavam as áreas, especialmente a área da expressão plástica (ver anexo 6). Desta maneira foi-me mais simples poder trabalhar através de casa a partir desses apontamentos, e estes tornam-se também essenciais na medida em que me auxiliam a averiguar e a afirmar o que fui reparando ao longo do

estágio. Nesse processo, verifiquei que havia uma “falha” respectivamente aos materiais e à sua disposição na área da expressão plástica dentro da sala de creche e de pré-escolar, o que fazia com que os grupos não conseguissem ter acesso aos materiais sem terem a colaboração do adulto, pois havia poucos nesta área e a sua globalidade permanecia arrecadada num armário ao qual as crianças não usufruíam de qualquer acesso.

Desta forma, pretendi apresentar através de atividades em ambos os contextos outras formas de organizar e impulsionar o campo da área da expressão plástica com os materiais que tínhamos.

Como exemplo, ficou definido na sala de pré-escolar, que o grupo iria transformar a sua área de expressão plástica para que esta ficasse mais sublime à vista e acima de tudo se tornasse mais alcançável às crianças favorecendo a sua autonomia e poder de escolha na seleção da área.

Foi muito importante para mim intervir e verificar tanto no contexto de creche como no contexto de pré-escolar que realmente existiu diferença após a realização das minhas atividades planeadas. Pois a partir deste momento consegui reparar que o número de crianças que começaram a explorar a área da expressão plástica ampliou. Este era o meu propósito, desenvolver o interesse pela expressão plástica a partir do manuseamento independente e variado dos materiais existentes na área de expressão plástica e através de atividades ou projetos diferentes, nunca antes experienciados pelas crianças. E é, com este espírito, interativo e de divisão/partilha com as crianças que um dia mais tarde como futura Educadora desejo desenvolver na minha sala. Começando, a partir do exemplo de no princípio do ano letivo a dispor a sala simultaneamente com o grupo de crianças da mesma, iremos debater, “montar” e organizar as áreas da sala para que estas sejam de fácil acesso e desenvolvam a sua autonomia, podendo sempre ser modificadas e até adicionar outras áreas conforme o interesse do grupo se vá desenvolvendo.

Ciente de que este estudo “(...) é uma oportunidade de ver o que os outros ainda não viram, de refletir sobre a singularidade das nossas próprias vidas (...)” (Stake, 2016), este não será um olhar transferível a todos os outros contextos idênticos, no caso, a outras salas de educação pré-escolar e de creche. De modo que, não posso comprovar que as mesmas problemáticas e formas de resolução ocorrem em outras, mas somente concluir desta minha intervenção, com apoio no que consegui analisar e registrar.

Referências Bibliográficas

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Alexandroff, M (2010). Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita: um artigo in: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200003&script=sci_arttext

Avô, B. (1996). *O Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Texto Editora .

Barbosa, M. C. (2006). *Rotinas na Educação Infantil* . Porto Alegre: Artmed .

BINFARÉ, C (2009). Construções no desenho infantil: dos modelos referenciais à problematização dos estereótipos. Trabalho de conclusão do curso de especialização em pedagogia da Arte. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Cunha, N. (2007). *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Editora Aquariana .

Decreto-Lei 241/2001. (2001). Obtido de <https://dre.pt/application/conteudo/631843>

Derdyk, E. (1989). *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione.

Efland, A. (2002). *Art and cognition: Integrating the visual arts in the curriculum*. Teachers College Press.

Elkins, J. (2000). *Why art cannot be taught: A handbook for art students*. University of Illinois Press.

Figueira, S., & Correia, I. (2018). EDUCARE. Obtido de http://moodle.ips.pt/1819/pluginfile.php/?file=/486123/mod_resource/content/2/Educare%20-%20PPT%20aula%207%20dez%202018.pdf

Folque, M. d. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar - O modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna* . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian .

Fróis, João Pedro (Ed.) (2000). *Educação Estética e Artística: abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca FBAUL

- Godinho, J.C.; Brito, M. J. N. (2010) As artes no jardim de infância: textos de apoio para educadores de infância. - 1ª ed. - Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Gonçalves, E. (1976). A Pintura das Crianças e nós. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, R.M., Marques, E. & Fróis, J.P. (2002). Primeiro Olhar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Horn, M. (2004). *Sabores, cores, sons e aromas - A organização dos espaços na Educação Infantil* . Porto alegre : Artmed .
- Jablon, J. R., Dombro, A., & Dichtelmiller, M. (2009). *O Poder da Observação: do nascimento aos 8 anos* (2 ed.). (R. C. Costa, Trad.) artmed.
- Lowenfeld, V. (1977). A criança e a sua arte. São Paulo : Editora Mestre Jou.
- Lowenfeld, V. (1982). Creative and mental growth. Prentice Hall.
- LUQUET, G. H. (1927). Le dessin enfantin. Berna: Delachaux et Niestlé.
- Malchiodi, C. A. (1998). Understanding children's drawings. Guilford Press.
- Manual de Processos-Chave : Creche . (s.d.). 2. Obtido de http://www.seg-social.pt/documents/10152/13673/gqrs_creche_processos-chave/5336ef3a-bbae-4297-a12d-de678df347
- Matias, G. & Vasconcelos, T. (2010). Aprender a ser educador de infância: o processo de supervisão na formação inicial. Da investigação às práticas - estudos de natureza educacional, X(1), 17-41.
- Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Acção. Porto: Porto Editora.
- Montero, A. (2005). O Traço da Infância. Lisboa: Livros horizonte.
- Morgado, J. C. (2011). *Identidade e profissionalidade docente: sentidos (im)possibilidades*. Rio de Janeiro: Ensaio.

- MOREIRA A. A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1984.
- Niza, S. (2018). Escola Moderna - Revista do Movimento da Escola Moderna . (6).
- Oliveira, Z. d., Mello, A. M., Vitória, T., & Ferreira, M. (2000). *Creches: Crianças, Faz de Conta & cia* (8 ed.). Vozes.
- Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto & M. Pinazza. Pedagogia (s) da infância – Dialogando com o passado construindo o futuro. São Paulo: Artmed.
- Perrenou, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza* (2 ed.). (C. Schilling, Trad.) Artmed.
- Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Repositório da Universidade de Lisboa. Consultado a 21 de setembro de 2022 em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3007/1/06-Ponte%28BOLEMA-Estudo%20de%20caso%29.pdf>
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens* (4 ed.). (S. Baía, Trad.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Reyes, A. (2010). *O não também ajuda a crescer - como superar momentos difíceis e favorecer a educação e o desenvolvimento das crianças* . Lisboa: A esfera dos livros .
- Read, H. (2007) Educação pela Arte. Edições 70.Lda.: Coimbra.
- Salvador, A. (1988). Conhecer a criança através do desenho. Porto: Porto Editora
- SALVADOR, A. 1999.. Conhecer a criança através do desenho. Porto: Porto editora,
- Santos, F. (2015). *Interações Sociais entre crianças no ato de brincar* . Instituto Politecnico de Setubal Escola Superior de Educação, Setubal, Portugal .
- Sarmiento, T. e. (2017). *Brincar e aprender na infância*. Porto: Porto Editora.
- Sarmeto, T., Oliveira, A., Miranda, C., Damas, D., Silva, D., Pereira, I., . . . Silva, S. (2016). *Juntos pela Criança na Creche* (1 ed.).
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)

- Simões, A. M. (s.d.). *A Educação de Infância e a gestão do grupo de crianças: Relato de um percurso*. Escola Superior de Educação Instituto Politecnico de Lisboa, Lisboa, Portugal .
- Sousa, A. B. (2003^a). *Educação pela Arte e Artes na educação, 1º volume – Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, 3º volume – Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela arte e artes na educação: Vol. 3. Música e artes plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget IGUAL
- Stake, R.E. (2016). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stern, A. (1974b). *Uma Nova Compreensão da Arte*. Lisboa: Livros horizonte.
- Stoppard, M. (2005). *Primeiras competências do bebé, jogos criativos para incentivar a aprendizagem*. Civilização.
- VIGOSTSKY, L. 1988. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores*. São Paulo, Martins Fontes,
- Zabalza, M. A. (1992). *Didáctica da Educação Infanti*. Rio Tinto: ASA
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Anexos

Anexo 1 – Planificação em Creche

Momento do dia	Descrição da atividade	Áreas de conteúdo	Intencionalidades	Estratégias de organização	Recursos	Avaliação
Atividades/Projetos (09h30-10h30)	<p>Elaboração de uma técnica com cotonetes: Desenho livre</p> <p>A elaboração desta técnica contempla os seguintes passos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização do grupo; - Distribuição dos materiais pelas mesas de trabalho; - Permitir que as crianças primeiro explorem os materiais. - Início da atividade, a partir das escolhas das crianças pelo que não existe uma forma “correta” de o fazer. 	<p>Área da Expressão e Comunicação</p> <p>-</p> <p>Domínio da Educação Artística</p> <p>-</p> <p>Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolvimento da criatividade. Segundo Lowenfeld (1987), a atividade de expressão plástica permite que as crianças explorem diferentes materiais e técnicas, estimulando a sua imaginação e criatividade. A intenção é promover a capacidade de inventar, experimentar e expressar ideias de forma livre e original.</p> <p>- Desenvolvimento da motricidade fina. A manipulação de materiais plásticos, contribui para o aprimoramento da coordenação motora fina das crianças. Vygotsky (1978) destaca que a atividade de expressão plástica proporciona a oportunidade de desenvolver habilidades motoras, como segurar</p>	<p>- Organizar as crianças em pequeno grupo;</p>	<p><u>Recursos humanos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças, Estagiária, Educadora e Auxiliar. <p><u>Recursos materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Cartolina preta A4 - Tintas - Cotonetes - Elásticos -Copos/ pratos para colocar as tintas 	<p>-“Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p> <p>-Demonstra interesse em utilizar diversos materiais nas suas produções.</p> <p>-“Emite opiniões sobre os seus trabalhos, o das outras crianças (...) indicando algumas razões dessa apreciação” (Silva,</p>

			<p>num lápis ou pincel corretamente e realizar movimentos precisos.</p> <p>- Estímulo à percepção visual. Luquet (1997) enfatiza que a expressão plástica possibilita que as crianças observem, comparem e representem o mundo ao seu redor por meio de formas, cores e texturas. A intenção é estimular a percepção visual e o desenvolvimento da capacidade de observar detalhes e diferenças.</p> <p>- Expressão e comunicação de emoções. Malchiodi (2005) destaca que a atividade de expressão plástica oferece às crianças uma forma não verbal de se expressar e comunicar emoções. Por meio de desenhos, pinturas ou esculturas, estas podem transmitir sentimentos, experiências e pensamentos.</p> <p>- Estímulo à autonomia e autoconfiança. A realização de</p>			<p>Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p>
--	--	--	---	--	--	--

			<p>atividades de expressão plástica permite que as crianças tomem decisões sobre o que criar, como fazê-lo e expressar a sua individualidade. Esta autonomia promove o sentimento de autoconfiança e valorização pessoal. Dewey (1934) enfatiza que a atividade artística encoraja a expressão da própria identidade e contribui para a construção da autoimagem.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

Anexo 2 – Capa do Livro *De que cor é um beijinho?* de Rocio Bonilla



Anexo 3 – Materiais utilizados na elaboração da atividade



Anexo 4 – Concretização da atividade



Anexo 5 – Planificação em Pré-Escolar

Momento do dia	Descrição da atividade	Áreas de conteúdo	Intencionalidades	Estratégias de organização	Recursos	Avaliação
Atividades/Projetos (10h15/11h30)	<p><u>Leitura do livro</u></p> <p>A leitura do livro contempla os seguintes passos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organizar o grupo de crianças; - Colocar questões sobre - Mostrar o livro às crianças e questioná-las sobre o que vêm nas guardas. - Leitura do livro. <p><u>Reconto da história</u></p> <p>O reconto da história é iniciado a seguir à leitura do livro e contempla os seguintes passos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questionar as crianças sobre o que aconteceu na história; - Questionar as crianças sobre quem eram as personagens; 	<p>Área da expressão e comunicação</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Área da formação pessoal e social</p>	<p>Desenvolver a compreensão de “mensagens orais em situações diversas de comunicação” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.62)</p> <p>Utilizar a “linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.62)</p> <p>“Cooperar com os outros no processo de aprendizagem” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.38)</p> <p>“Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.71)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Organizar as crianças em roda no chão da sala; - colocar-me com as crianças na roda, sentada no chão, mas de forma que todas consigam ver o livro; - Organizar a equipa junto das crianças. - Apoiar o reconto das crianças, dando-lhes 	<p><u>Recursos humanos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças, Estagiária, Educadora e Auxiliar. <p><u>Recursos materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Livro; - Folhas; - Canetas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ouve atentamente histórias mostrando prazer e satisfação; - “Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.63) - Participa na leitura e no reconto da história;

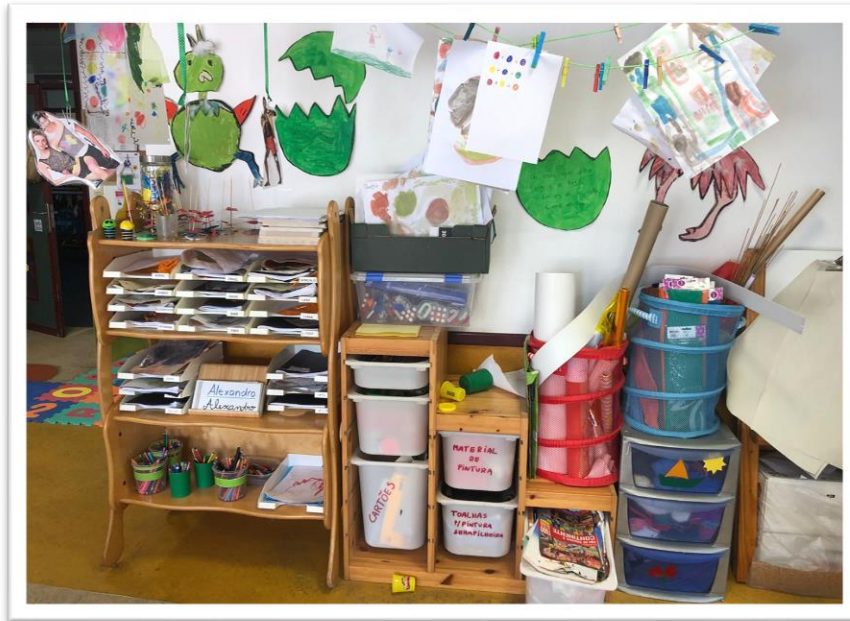
	<ul style="list-style-type: none"> - Registrar em rascunho o que vão dizendo; - Reler o que disseram para o grupo; - Reorganizar o reconto, se necessário 		<p>“Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa perspetiva de partilha e de responsabilidade social” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.40)</p>	<p>suporte às suas ideias.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escrever o que as crianças dizem junto das mesmas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconta a história tendo em conta a sequência dos acontecimentos; - Espera pela sua vez na “intervenção nos diálogos, dando oportunidade aos outros para intervirem” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.40)
--	--	--	--	---	---

	<p><u>Ilustrações do momento preferido da tarefa integradora:</u></p> <p>As ilustrações terão início a seguir à elaboração da tarefa integradora sobre o ponto e contemplam os seguintes passos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Questionar as crianças sobre quem quer fazer o desenho da história; - Organizar as crianças de acordo com as suas escolhas; - Ilustrações do momento preferido em pequeno ou grande grupo; 	<p>Área da Expressão e Comunicação</p> <p>- Domínio da Educação artística</p> <p>- Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>“Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.36)</p> <p>“Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experiências e produções plásticas” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p> <p>“Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhar as crianças nas suas ilustrações; - Questionar as crianças sobre o que estão a ilustrar; - Solicitar que identifiquem o trabalho com o seu nome; - Organizar o grupo em pequeno/grande grupo conforme o interesse pela atividade; 	<p><u>Recursos humanos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças, Estagiária, Educadora e Auxiliar. <p><u>Recursos materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Folhas; - Materiais riscadores - Diversos materiais 	<p>“Tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual, recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p> <p>“Introduz nas suas produções plásticas, elementos visuais para ilustrar histórias” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p>
--	--	---	---	---	--	---

Momento do dia	Descrição da atividade	Áreas de conteúdo	Intencionalidades	Estratégias de organização	Recursos	Avaliação
Atividades/Projetos (10h15-11h30)	<p>Elaboração de um desenho livre utilizando a técnica - o ponto</p> <p>A elaboração de um desenho com a técnica – o ponto contempla os seguintes passos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização do grupo: - Distribuição dos materiais pelas mesas de trabalho; - Permitir que as crianças primeiro explorem os materiais. - Início do desenho livre, a partir das escolhas das crianças pelo que não existe uma forma “correta” de o fazer. 	<p>Área da Expressão e Comunicação</p> <p>- Domínio da Educação Artística</p> <p>- Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- “Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.36)</p> <p>- “Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experiências e produções plásticas” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p> <p>- “Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p>	<p>- Organizar as crianças em pequeno grupo;</p>	<p><u>Recursos humanos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Crianças, Estagiária, Educadora e Auxiliar. <p><u>Recursos materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Folhas - Tinta - Cotonetes 	<p>“tem prazer em explorar e utilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Demonstra interesse em utilizar diversos materiais nas suas produções. <p>“Emite opiniões sobre os seus trabalhos, o das outras crianças (...) indicando algumas razões dessa apreciação” (Silva,</p>

							Marques, Mata & Rosa, 2016, p.50)
--	--	--	--	--	--	--	-----------------------------------

Anexo 6 – Área da Expressão Plástica da Sala Verde

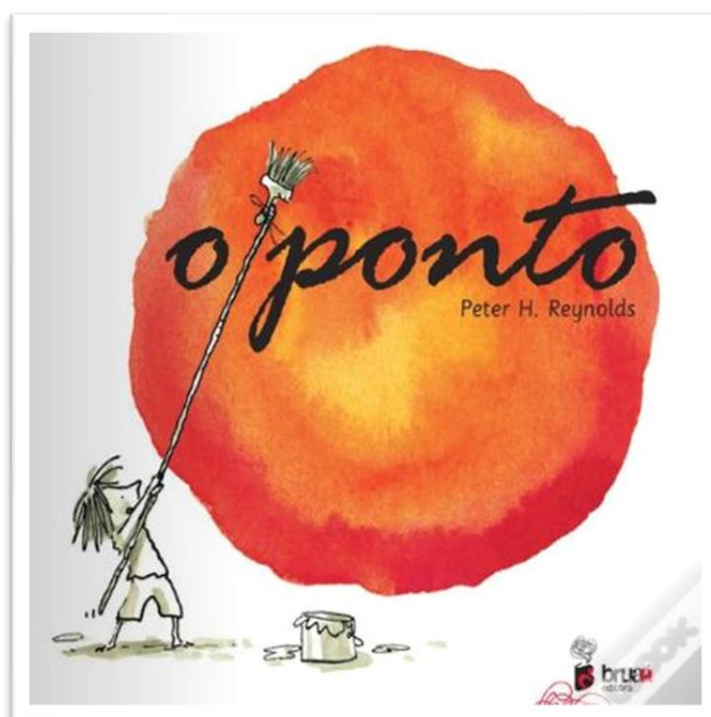


Anexo 7 – Cartazes do projeto

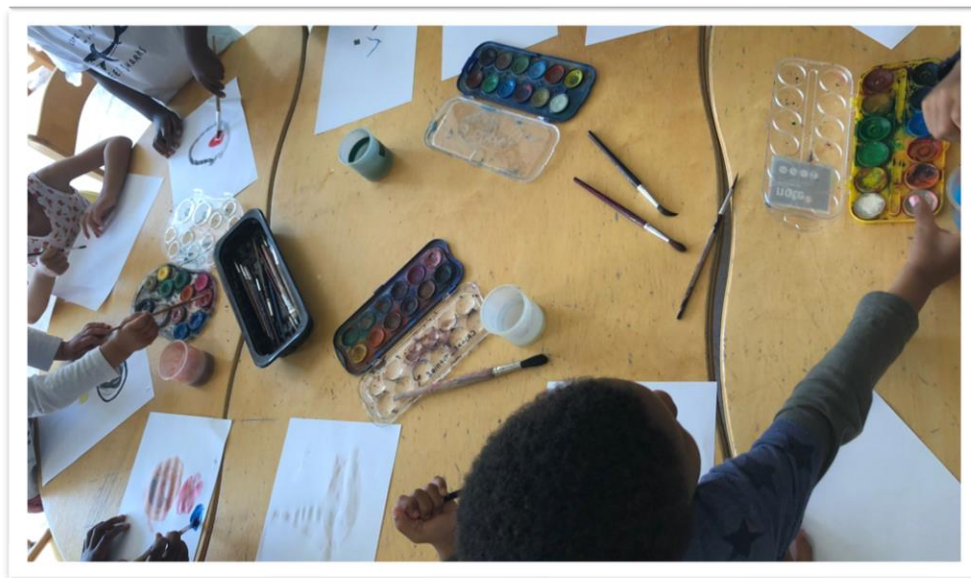




Anexo 8 – Capa do Livro *O Ponto* de Peter H. Reynolds



Anexo 9 – Elaboração de um desenho a partir de um pequeno ponto



Anexo 10 – Três quadros concluídos

